UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

ADSON LUCCAS DA ROSA MACHADO

INSERÇÃO REGIONAL DO VIETNÃ PÓS DOI-MOI: CENÁRIOS DE INSERÇÃO REGIONAL

Porto Alegre
2013

ADSON LUCCAS DA ROSA MACHADO

INSERÇÃO REGIONAL DO VIETNÃ PÓS DOI-MOI: CENÁRIOS DE INSERÇÃO REGIONAL

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientador: Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins

Porto Alegre

2013

ADSON LUCCAS DA ROSA MACHADO

INSERÇÃO REGIONAL DO VIETNÃ PÓS DOI-MOI: CENÁRIOS DE INSERÇÃO REGIONAL

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação em Relações Internacionais da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: Porto Alegre, _____de _____de 2013.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Miguel Quedi Martins – Orientador
UFRGS

Prof. Dr. Paulo G. Fagundes Visentini
UFRGS

Prof. Dr. Fábio Costa Morosini
UFRGS

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer antes de qualquer coisa a Universidade Federal do Rio Grande do Sul que possibilitou o desenvolvimento do meu conhecimento e, em consequência, o meu desenvolvimento pessoal.

Também gostaria de agradecer ao professor José Miguel pela paciência, dedicação e por não se omitir nos momentos em que foi necessário um "puxão de orelha".

Agradeço a minha namorada, Aline Duarte, por entender a necessidade da redução do nosso tempo juntos pelo bem da minha formação e para a possibilidade de um melhor futuro, não só para mim, mas para ela também que agora terá um namorado graduado.

Agradeço ao meu irmão e a minha mãe que aguentaram o meu pouco humor durante a confecção do trabalho, muitas vezes aturando grosserias e indiferença minha no que tange a atenção dada a eles.

Agradeço também a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a minha caminhada rumo a graduação e espero poder corresponder ao apoio dado por vocês.

Propositalmente deixado para o fim, quero agradecer aos grandes amigos Ricardo Leães, Marina Finger, Jéssica Delabari, Larissa Monteiro, que por vezes me acalmaram e me passaram pensamentos positivos, me trazendo animação e perseverança. E, em especial, um agradecimento ao "brother" Fernando Mattos, que me restringirei a dizer apenas que sem ele esse TCC não teria sido concluído.

RESUMO

A República Socialista do Vietnã historicamente lutou pela sua autonomia contra outras nações determinadas a subjugá-la. Após a Terceira Guerra da Indochina, o desafio passa a ser a luta contra o subdesenvolvimento, problema marcante do país que acarreta em diversos problemas sociais, econômicos e políticos. O presente trabalho busca entender os desdobramentos históricos, tanto no âmbito político e econômico, quanto no social; que determinaram a formação do perfil do Vietnã como nação. A seguir, procuramos explicitar as particularidades de uma das principais reformas estruturais ocorridas na história do país, o Doi-Moi (renovação), bem como suas consequências internas e externas. Por fim, o trabalho propõe o exercício de estabelecer possíveis cenários de inserção regional com o intuito de proporcionar ao leitor um meio de analisar as variáveis e tirar suas próprias conclusões acerca do futuro do país.

Palavras-chave: Vietnã, Doi-Moi, abertura comercial, cenários, inserção regional.

ABSTRACT

The Socialist Republic of Vietnam historically fought for their independence against other nations determined to subdue it. After the Third Indochina War, the challenge comes to be the fight against underdevelopment, striking problem in the country which leads to various social, economic and political problems. This paper seeks to understand the historical developments, both in political and economic context, as in the social, which determines the formation of Vietnam's profile as a nation. Next, we tried to explicit the particularities of one of the most important structural reforms that occurred in the country's history, the Doi-Moi (renovation), as well as its internal and external consequences. Finally, the paper proposes the exercise of establishing possibles regional integration scenarios in order to provide the reader with a means to analyze the variables and draw your own conclusions about the future of the country.

Key-words: Vietnam, Doi-Moi, commercial opening, scenarios, regional integration.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Indochina durante o período colonial francês..... **XX**
Imagem 2: Demarcação de divisão do território do Vietnã após Conferencia de Genebra ..... **XX**
Imagem 3: Delta do Rio Mekong e Delta do Rio Vermelho (Vietnã)..... **XX**

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Taxa de crescimento do PIB do Vietnã de 1980 até 2014..... **XX**
Gráfico 2: Taxa de inflação no Vietnã de 1980 até 2010.....**XX**
Gráfico 3: Comparação entre o crescimento do PIB do Vietnã com o Doi-Moi e sem o Doi-Moi (perspectiva) ..... **XX**

LISTA DE SIGLAS E ABREVIAÇÕES

ADB	Asian Development Bank
APEC	Asia-Pacific Economic Cooperation
ASEAN	Association of Southeast Asian Nations
CIA	Central Intelligence Agency
COMECON	Council for Mutual Economic Assistance
COMINT	Communications Intelligence
EUA	Estados Unidos da América
FLN	Frente Nacional de Libertação
FMI	Fundo Monetário Internacional
GRP	Governo Revolucionário Provisório
GSO	General Statistics Office
IED	Investimento Estrangeiro Direto
JOAC	Joint Operational Access Concept
NEP	New Economic Policy
OCX	Organização para Cooperação de Xangai
ONU	Organização das Nações Unidas
OTAN	Organização do Tratado do Atlântico Norte
PIB	Produto Interno Bruto
PCCh	Partido Comunista da China
PCI	Partido Comunista da Indochina
PCV	Partido Comunista do Vietnã
PDJ	Partido Democrático do Japão
PLD	Partido Liberal Democrata (Japão)
PTV	Partido dos Trabalhadores do Vietnã
RCEP	Regional Comprehensive Economic Partnership
RDC	República Democrática da China
RDV	República Democrática do Vietnã
RSV	República Socialista do Vietnã
SAM	Surface-to-Air Missile
TAC	Tratado de Amizade e Cooperação
TPP	Trans-Pacific Partnership

EU	União Europeia
UNSD	United Nations Statistic Division
URSS	União das Repúblicas Socialista Soviéticas
USD	United States Dollar

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO..... 12

1.1 Inserção regional do Vietnã após a abertura comercial 12
1.2 Os objetivos do trabalho e a metodologia 14
1.3 A estrutura do trabalho 14

2.0 HISTÓRICO DO VIETNÃ 16

2.1. Dominação Chinesa e colonialismo francês 16

2.2. Presença japonesa e Segunda Guerra Mundial 20

2.3. Primeira Guerra da Indochina (Vietnã x França) 22

2.4. Segunda Guerra da Indochina (Estados Unidos x Vietnã) ……..... 25

2.5. Terceira Guerra da Indochina (China x Vietnã) ……..... 33

3.0 DOI – MOI: ABERTURA COMERCIAL E SEUS IMPACTOS..... 38

3.1. Precedentes 38

3.2. O que foi o Doi Moi?..... 38

3.3. Divergências dos modelos asiáticos e o novo socialismo 40

3.4. O impacto das reformas nas estatais e no PIB 42

3.5. A racionalidade da atual política para as empresas estatais é econômica ou política? 45

3.6. O estilo vietnamita (the Vietnam way) …...……....… 48

3.7. Aspectos sociais - Conquistas na redução da pobreza desde Doi-Moi 48

3.8. O modelo "pólo de crescimento" 49

3.9. Formação de novas classes 50

3.10. Os vencedores e os perdedores no novo mecanismo 52

3.11. Conclusão Doi Moi 53

4.0 CENÁRIOS PARA A INTEGRAÇÃO REGIONAL DO VIETNÃ 56

4.1. Introdução cenários 56

4.2. Situação, variáveis e indicadores selecionados 57

4.2.1. Análise da Situação Mundial 57

4.2.2. A reação da China à Parceria Transpacífico (TPP) 60

4.2.3. Situação no Vietnã ……..... 61

4.3. Quadro resumo …...…….. 62

4.4. Cenário 1: Aproximação com a China 62

4.5. Cenário 2 e a possível entrada do Vietnã na Parceria Trans-Pacífico 64

4.6. Cenário 3 e a possível eclosão de uma Primavera Vietnamita 66

4.7. Conclusão: Para onde vai o Vietnã?..... 66

5.0 CONCLUSÃO 69

6.0. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 72

1.0 INTRODUÇÃO

1.1 Inserção regional do Vietnã após a abertura comercial

A República Socialista do Vietnã vive atualmente um período de incertezas no que tange o futuro do país. A população camponesa protesta constantemente pressionando o governo para a realização de reformas políticas estruturais, tendo como principal ponto o aumento dos direitos individuais. A aproximação da China nos últimos anos, principalmente através da ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático pela sigla em inglês), representa uma possibilidade de maior inserção econômica regional, abrindo portas para novos mercados e para novos destinos de suas exportações. Todavia, apesar dessas beneficies, a população vietnamita também não é a favor do seu país se subjugar aos poderosos vizinhos do norte. Os motivos para essa contrariedade são milenares, a dominação chinesa já esteve presente na história do Vietnã em diversas oportunidades, ocasionando, assim, um sentimento de orgulho vietnamita na resistência. Tal sentimento, por sinal, não se limita aos chineses. O povo vietnamita, exposto durante séculos as pretensões imperialistas das principais potenciais mundiais, vangloria a sua história de luta por autonomia de tal forma que, por vezes, prefere passar por dificuldades a ter que ceder aos caprichos dos seus potenciais aliados.

A vitória épica de uma nação atrasada tecnologicamente perante os Estados Unidos, bastião de modernidade e líder indubitável do mundo capitalista, enalteceu o país do sudeste asiático e o trouxe à tona no cenário internacional na época da Guerra Fria. O mundo conheceu aqueles capazes de vencer um gigante, e os quais causam ainda hoje lembranças intimidantes a qualquer um que tente reduzir o país a mero vassalo.

No entanto, os tempos modernos são de aprendizado com o passado para se desenvolver no presente. A globalização começou a atingir o Vietnã a partir das reformas estruturais que estabeleceram a abertura comercial do país. O Doi-Moi representou uma nova era política, econômica e social para os vietnamitas. O advento das empresas estrangeiras em território nacional incentivou a elevação do padrão de vida da população. Porém, em dissonância com os índices econômicos, estão os índices sociais.

O Vietnã atualmente é a 41ª maior economia do mundo, porém, ainda é uma população prioritariamente rural, com índice de 70% de moradores do campo (CIA, 2010). Cabe ressaltar também que o país é 14º mais populoso do mundo e que o PIB per capita é de 1.392 USD. O grande inimigo da nação é a concentração de renda, em outras

palavras, a elite detentora dos meios de produção. Dessa forma, os expressivos índices de crescimento do PIB prioritariamente reforçam o poder e a riqueza dos grandes empresários. Outros dados também relevantes para compreender a conjuntura do país são a taxa média anual de crescimento da população, 1,109%, que representa uma preocupação latente no que tange as grandes metrópoles que encontram dificuldades para suprir as necessidades básicas do cidadão (saúde, educação, moradia, segurança, alimentação, etc.); e densidade demográfica que chega a 271 habitantes por km² (UNSD, 2012), taxa exacerbada se levarmos em consideração o desenvolvimento do país.

Quanto ao sistema político, o Vietnã é uma República Socialista de partido único. O Partido Comunista do Vietnã (PCV) possui a exclusividade sobre a vida pública, e, embora a Assembleia Nacional (órgão legislativo) seja independente, 480 de suas 500 cadeiras são ocupadas por quadros do PCV. Na prática, a Assembleia Nacional só ratifica questões decididas pelo Partido. O Politburo, instância máxima do PCV, tem 16 membros, escolhidos no Comitê Central, composto por 175 delegados. Estes são eleitos nos Congressos Nacionais do Partido Comunista, que ocorrem de cinco em cinco anos. Neste mesmo espaço, são escolhidos os três principais cargos do país: O Primeiro Ministro, chefe do executivo, o Presidente, chefe de Estado e o Secretário Geral do Partido. Cabe ressaltar também que as Forças Armadas são ligadas ao Partido, e não ao Estado.

Já em respeito à economia, o país é um grande exportador de produtos agrícolas (principalmente arroz, café, chá, pimenta e castanhas); porém passou a ser uma plataforma de exportação de manufaturas a partir da década de 90, como veremos no decorrer do trabalho. Isso ocasionou uma das maiores taxas de crescimento do PIB desde a década de 80. Porém, ainda apresenta um PIB baixo, comparado a outros países da região (WORLD BANK, 2013). Mesmo assim, tem apresentado um elevado êxodo rural e decréscimo da participação da agricultura no PIB (JANE'S, 2009). Também é importante destacar que a população é relativamente jovem, o que é importante para a questão das atuais manifestações.

1.2 Os objetivos do trabalho e a metodologia

Dadas as informações anteriores, as quais tinham a intenção de situar o leitor no contexto vietnamita apresenta-se os seguintes questionamentos a serem elucidados no decorrer do trabalho:

(1) Quais aspectos históricos fornecem ferramentas capazes de justificar as dificuldades da República Socialista do Vietnã de se inserir regionalmente ou de se alinhar a uma potência econômica?

(2) De que forma a abertura econômica impactou a estrutura social e política do país, o tornando mais suscetível as mudanças futuras?

(3) Como a construção de cenários hipotéticos pode auxiliar na melhor compreensão das particularidades do Vietnã?

Como metodologia, o presente trabalho lançará mão da Economia Política Internacional, nos moldes apresentados por Gonçalves (2005). Segundo ele:

> "A EPI (Economia Política Internacional) é um método de análise que tem como foco a dinâmica do sistema econômico internacional em suas distintas esferas e dimensões, que resulta das decisões e ações de atores nacionais e transnacionais, cuja conduta é determinada por fatores objetivos e subjetivos" (GONÇALVES, 2005)

Por se tratar de um método que se utiliza de preceitos de diferentes campos teóricos como a Economia, a Política, o Direito, a Sociologia, entendesse que esse é o mais adequado para se inferir uma análise em vários enfoques, como pretendemos. Assim, o trabalho abre margem para a utilização de argumentações genéricas que não apenas as questões históricas e econômicas.

1.3 A estrutura do trabalho

Além dessa sessão introdutório que busca situar o leitor nos focos do trabalho e explicar os meios pelos quais se propõe a chegar nos objetivos, o desenvolvimento conta com três capítulos e uma sessão de considerações finais. No primeiro capítulo apresenta-se a longa trajetória vietnamita desde a dominação chinesa, passando pela formação do Estado independente e chegando até o cenário que precedeu a adoção das reformas estruturais chamadas Doi Moi. Com o intuito de analisar o desenrolar dos fatos marcantes para a criação da sociedade vietnamita. Sendo imperativo para analisar as relações atuais no cenário internacional ter embasamento sobre a rica história do país.

No segundo capítulo, temos uma análise sobre as reformas político-econômicas, Doi Moi, ocorridas no Vietnã a partir da metade da década de 80. Pode-se perceber que a conjuntura da época aliada aos desdobramentos internos conduziu invariavelmente o governo do país para mudanças estruturais expostas na sessão. Procura-se demonstrar também os impactos dessas reformas nos âmbitos social, econômico, empresarial, industrial e político.

A seguir, o terceiro capítulo, destina-se a trazer possíveis cenários de inserção regional do Vietnã baseados na atual conjuntura e situação nos âmbitos nacional, regional e internacional nos quais o país esta estabelecido.

Por fim, segue-se aos capítulos uma seção de considerações finais, na qual são retomados os principais pontos discutidos ao longo do desenvolvimento do trabalho e apresentam-se as conclusões.

2.0. – HISTÓRICO DO VIETNÃ

Este capítulo apresenta a longa trajetória vietnamita desde a dominação chinesa, passando pela formação do Estado independente e chegando até o cenário que precedeu a adoção das reformas estruturais chamadas Doi Moi, que serão abordadas no capítulo seguinte. Analisando o desenrolar dos fatos marcantes para a criação da sociedade vietnamita, percebemos a formação de uma identidade regional de resistência permeada pelas constantes intervenções externas no país (em especial de China, Estados Unidos e França) que influenciaram decisivamente para as dissidências internas. O Estado vietnamita sofre ainda hoje com a vontade das grandes potencias de subjugá-lo ao papel de vassalo moderno ou uma espécie de nova colônia, fazendo-o submisso as vontades da metrópole. Assim, torna-se imperativo para analisar as relações atuais no cenário internacional ter embasamento sobre a rica história do país.

2.1. Dominação Chinesa e colonialismo francês

Por volta do século III a.C uma tribo de etnia Viet chamada Au Viet emigrou do que hoje seria o sudeste da China até o delta do Rio Vermelho por que sua antiga cidade havia sido invadida pelo exército da dinastia Qin (primeira dinastia imperial da China). Na região, formaram, em conjunto com a tribo Lac Viet, um estado sino-vietnamita, em 257 a.C., chamado de Au Lac que perdurou até 207 a.C. quando o chefe militar da dinastia Qin, Zhao Tuo, anexou-o aos seus domínios e fundou o reino independente de Nam Viet. Do ano de 111 a.C, quando Nam Viet foi dominada por tropas chinesas, até 938 d.C, momento em que o Vietnã se tornou independente do domínio chinês, a cultura, a organização governamental e os rituais chineses foram impostos aos vietnamitas, bem como o taoísmo e o confucionismo além da linguagem e sistema de escrita. Muitas tentativas fracassadas de insurreições durante esse período demonstravam o ímpeto do povo vietnamita por autonomia e uma negação à China. Além disso, não se pode subestimar o efeito dessa luta épica contra a ocupação chinesa sobre a cultura vietnamita. A resistência nacional de quase um milênio fez nascer um espírito heróico de orgulho que transformou essas qualidades marciais em virtude. Em outras palavras, este espírito guerreiro se tornou parte da auto-identidade do povo do Vietnã. Ambas estas características - a vontade de lutar, aparentemente para sempre, e a capacidade de suportar enormes perdas - ficaria evidente durante as futuras Guerras da Indochina (COMINT EUA, 1998).

Uma sucessão de dinastias vietnamitas ocupou o cenário da região por muito tempo. A natureza básica da sociedade vietnamita mudou pouco durante os quase mil anos entre a independência da China no século X e a conquista francesa no século XIX. O rei era a fonte suprema da autoridade política, o garantidor final da justiça e supremo chefe das forças armadas, bem como superintendente de rituais religiosos. No geral, o Vietnã foi governado de forma eficiente e estável exceto em tempos de guerra ou de quebra de dinastias e seu sistema administrativo foi, provavelmente, muito mais avançado do que a de qualquer outro estado do sudeste asiático. Nenhum sério desafio à autoridade do rei surgiu. Os títulos de nobreza eram concedidos apenas por méritos e não eram hereditários, reformas agrárias periódicas impediam o surgimento de grandes e poderosos latifundiários e nenhuma classe religiosa/sacerdotal surgiu. Este absolutismo estagnado assegurava uma sociedade bem-ordenada e estável, mas também com resistência total para quaisquer inovações sociais, culturais ou tecnológicas. Afora a mineração e a pesca, a agricultura de subsistência era a principal atividade da maioria dos vietnamitas e o desenvolvimento da economia e do comércio não foi promovido ou incentivado pelo Estado (TAYLOR, 2013).

A exposição vietnamita ao ocidente se da em alguns momentos ao longo da história. Começando por volta de 166 d.C., com a chegada de comerciantes do Império Romano, passando por 1292, com a visita de Marco Polo, e no início do século XVI com a chegada dos portugueses e outros comerciantes e missionários da Europa. Vários esforços europeus para estabelecer postos de comércio no Vietnã falharam, mas os missionários foram autorizados a pregar por algum tempo até que a elite vietnamita chegou à conclusão de que o cristianismo (que em 1700 já converteria um décimo da população) era uma ameaça para a ordem social confucionista, uma vez que condenava o culto aos seus antepassados como idolatria (VWAM, 2013).

Por volta de 1852, uma forte repressão contra os católicos e ocidentais foi iniciada. Muitos dos missionários e comerciantes que habitavam o Vietnã à época eram franceses e reportaram ao imperador Napoleão III a situação em que se encontravam. Em busca de novas rotas comerciais, o imperador usou a perseguição aos católicos como desculpa para invadir o país em 1858. De 1859 até 1867, as tropas francesas expandiram seu controle sobre todas as seis províncias do delta do Mekong e formaram uma colônia batizada de Cochinchina. Com a entrada da potência ocidental no continente, o império chinês se viu ameaçado e formou uma aliança com os vietnamitas. Iniciava-se a Guerra Sino-francesa, de curta duração (1884-1885). Nesta guerra ficou

clara a importância do Vietnã para a China, assim como a evidente importância do Golfo e da província de Tonkin. Em 1884, a França destruiu a frota chinesa em Fouzhou, sul da China. Importante ressaltar que nesta época o governo central chinês estava enfraquecido, havendo perdido o monopólio da força, devido a problemas internos, notadamente a Revolução dos Taiping. Após o fim do conflito, a França conseguiu estabelecer seu governo colonial na região, dominando Camboja, Laos e dividindo o Vietnã em três zonas: Cochinchina (colônia), Annam (protetorado) e Tonquim (colônia-protetorado) (NGUYEN, 2010), demonstrando que nas regiões mais próximas à China a França não conseguiu estabelecer sua influência por completo.

Imagem 1. Fonte: Wikipedia

Durante o período colonial, teve início um conjunto de atividades capitalistas de tipo moderno: agricultura de exportação, implantação de seringais, formação de uma classe proletária, construção de uma infra-estrutura viária, urbanização, ampliação do ensino no âmbito da classe média e inserção na economia mundial (VISENTINI, 2013), também houve um fortalecimento do regime feudal, com a difusão do latifúndio (45% das terras estavam sob posse de 2% da população, sendo muitos desses donos de terras, franceses) e a dominação das rendas de outros setores (pesca, mineração e plantação) por parte dos franceses.

As várias revoltas contra os franceses iniciadas no final do século XIX foram realizadas com o objetivo principal de restaurar a antiga sociedade feudal. No entanto, a partir do século XX, uma nova geração de vietnamitas que nunca viveu no período pré-colonial entrou em cena. Esses jovens ativistas estavam tão ansiosos quanto os seus avôs para verem restaurada a independência, mas já não eram mais desejosos do retorno ao sistema feudal. Após terem sido expostos a filosofia ocidental, estes jovens pleiteavam o estabelecimento de uma república que se valesse das novas tecnologias e sistemas de governo. Alguns deles, inclusive, tinham no Japão um modelo a ser seguido, ou seja, um país asiático que se modernizou, mas manteve a sua própria cultura

e instituições. Por sinal, o sucesso dos japoneses contra os russos em 1905 e a Revolução chinesa de 1911 inspirou os nacionalistas do Vietnã a buscar conselhos e suporte nessas duas nações. Mais tarde, segundo Visentini (2013), o nacionalismo tradicional faria a sua transição para o moderno nacionalismo revolucionário nos anos 20 e 30. O impacto da Revolução Russa e da crise mundial da economia capitalista atingiram em cheio o povo vietnamita. (VISENTINI, 2013).

Dentre muitos dos militantes que tiveram papel importante nesse início de revolução vietnamita, destaca-se Nguyen Sinh Cung (que se tornaria Nguyen Ai Quoc e depois Ho Chi Minh). Trabalhando na França no final da Primeira Guerra Mundial, é influenciado pelos ventos nacionalistas que sopravam à época. Ajuda na fundação do Partido Socialista Francês e devido a divergências quanto a questão colonial transferiu-se para Moscou e aderiu a III Internacional ou Komintern (VISENTINI,2013). Enquanto isso, o recém formado Partido Democrático Nacional do Vietnã, sob os moldes do Kuomintang (Partido Nacionalista Chinês), lançou um ataque as tropas francesas em Tonkin, mas foi reprimido e assistiu seus principais líderes serem presos e executados, esfriando o ímpeto da corrente nacionalista no país. No entanto, o surgimento de partidos comunistas na região, como o Partido Comunista de Annam e a União Comunista da Indochina, chama a atenção da Komintern que envia o agora chamado Nguyen Ai Quoc (Nguyen, o patriota) para unificar esses partidos sob o nome de Partido Comunista da Indochina. No verão de 1930, O PCI organizou um grande levante camponês no norte de Annam, que ficou conhecido como Soviets de Nghe Tinh, e foi esmagado pela Legião Estrangeira.

O Partido Comunista da Indochina lutou contra a dominação francesa com as armas e táticas possíveis, no entanto, tinham muito menor capacidade de impacto sob os franceses. Ainda assim, a sua formação e consolidação é de grande importância para manter uma resistência, mesmo que discreta em termos de resultados, na região e para disseminar a causa para toda a população. Posteriormente, durante a dominação japonesa, este partido daria suporte para a criação do principal grupo de resistência vietnamita, os Viet Minhs.

2.2. Presença japonesa e Segunda Guerra Mundial

A eclosão da Segunda Guerra Mundial teve consequências marcantes para os revolucionários vietnamitas. Em suma, se pode dizer que o PCI viu-se forçado a agir sorrateiramente por causa da presença japonesa na região, mas, ao mesmo tempo, foi possível tomar proveito do frágil momento do aparelho colonial, especialmente pelo enfraquecimento das forças francesas após o estabelecimento do regime Vichy na França. O fim do conflito internacional e consequente derrota do Eixo obrigaram os japoneses à rendição e abriram caminho para a reintegração francesa.

A partir da década de 30, o império japonês colocara em prática seus planos de expansão em direção a China, no entanto, os gastos com os confrontos contra os chineses estavam se tornando excessivos. Assim, os japoneses focaram sua atenção para os canais de fornecimento de suprimentos da China, em especial, os que se encontravam na Indochina francesa. As intenções japonesas tiveram seu caminho facilitado com a imposição do regime fascista na França e, aproveitando a brecha, ocuparam Tonkin e estabeleceram suas bases na região. Em 1941, os japoneses já dominavam todo o território da Indochina, inclusive com o aval do administrador colonial francês que na prática não tinha mais poderes sobre a região.

Em decorrência da expansão japonesa na região, o líder chinês Chang Kai-Chek toma uma decisão de criar um movimento de guerrilha antijaponês, descrito por Visentini:

> "Chang Kai-Shek foi forçado a apoiar uma frente que também incluísse o PCI. Em fevereiro de 1941, Nguyen Ai Quoc volta ao Vietnã e retoma contato com os grupos comunistas estabelecidos na década de 30, tendo criado a Liga para a Independência do Vietnã (mais conhecida como Viet Minh). Esta frente antiimperialista vincula-se a diversas organizações populares então criadas (de camponeses, mulheres, jovens, velhos, crianças, operários e militares), além de estruturar milícias de autodefesa e lançar um jornal destinado aos camponeses, numa linguagem e argumentação simples." (VISENTINI, 2013)

Uma forte ofensiva das tropas do Japão aos refúgios do Viet Minh ao norte dividem os revolucionários em pequenos grupos, infiltrando-se na população. A guerra se amplia no cenário internacional e Nguyen Ai Quoc volta à China para propor uma aliança contra o Eixo e solicitar suporte, mas foi preso pelo Kuomintang por 14 meses. Os abusos e desmandos japoneses no Vietnã matam milhares de nativos e uma nova ofensiva contra as bases do Viet Minh quase dizima a resistência por completo. Interessante notar que mesmo neste cenário, as forças dos Aliados pouca importância

deram. A presença dos britânicos na região não passou de superficial e poucas operações foram executadas.

Em março de 1944, Nguyen Ai Quoc é libertado na China e autorizado a retornar para o Vietnã e reagrupar as forças do Viet Minh. Agora com o nome de Ho Chi Minh (Ho, aquele que ilumina), ele tenta estabelecer novos contatos alertando as tropas francesas do eminente perigo de ataque japonês em decorrência da Grande Guerra. De fato, em Agosto de 1945, os japoneses cansados da inoperância francesa e alertados de uma possível insurgência decidem assumir o comando de toda a Indochina. Um governo de fachada foi estabelecido (Bao Daí, ex governante de Annam) e a repressão contra grupos opositores aumentada. O Viet Minh reconhece então uma oportunidade para agir e ataca alguns postos militares japoneses – reforçados pelo bom número de armamentos deixado para trás pelos franceses - e incitam agitações sociais contra os governos fantoches (COMINT EUA, 1998). Ho Chi Minh percebe que o Viet Minh é agora a única força antijaponesa e amadurece a situação revolucionária com a eminente chegada dos Aliados à Indochina (VISENTINI, 2013).

Os ataques norte americano e soviético contra o Japão em agosto de 1945 deixam as tropas nipônicas no Vietnã desorientadas. Semanas depois, decidem se retirar para suas bases e entregar o comando do governo para Bao Daí. No mesmo dia, o Viet Minh cria um governo provisório liderado por Ho Chi Minh e, nos dias seguintes, manifestações de apoio ao novo governo se espalham pelo território. Em 30 de agosto, Bao Daí abdica do poder e Ho Chi Minh proclama a República Democrática do Vietnã (RDV). A independência foi passageira, dentro de meses forças nacionalistas chinesas ocuparam o norte (Hanói) para desarmar os japoneses remanescentes e tropas francesas, fortemente auxiliadas pelos britânicos, ocuparam novamente o sul (Saigon).

O Viet Minh se consolidou como principal foco de resistência dentro do território do Vietnã e buscou a solidificação da independência, porém, com a retirada japonesa, o caminho para a reintegração francesa estava aberto. Foi a primeira oportunidade na história do Vietnã que o país se viu como peça de manobra no jogo internacional de disputa de poder. Essa situação, infelizmente, se tornaria rotina nas décadas seguintes com o início da Guerra Fria e a transformação do sistema mundial para a bipolaridade.

2.3. Primeira Guerra da Indochina (Vietnã x França)

A França saiu da Segunda Guerra Mundial com grandes perdas estruturais e econômicas, assim, necessitavam de suas antigas colônias para reerguer o país. No entanto, os movimentos de libertação do Terceiro Mundo começam a surgir com força no período pós guerra. Com a chegada de frente comunista na China, os revolucionários vietnamitas não se vêem mais isolados e passam a receber suporte dos vizinhos chineses e da URSS. Decidido a conter a disseminação comunista no mundo os EUA passam a mandar grande suporte aos franceses até chegarem ao ponto de eles mesmos assumirem a guerra.

Em 1946, o líder chinês Chiang Kai-shek ameaçou os franceses de guerra, induzindo-os a assinar um acordo de paz que concederia a região da Indochina para os franceses em troca da abdicação de suas concessões em Shangai e em outros portos chineses. Ho Chin Minh, que não confiava na lealdade dos chineses, não tinha poderio militar suficiente para competir com os franceses, então, assinou um acordo que asseguraria o reconhecimento da RDV, sob comando da Federação da Indochina em conjunto com a União Francesa, em troca da ocupação pacífica francesa após a retirada dos chineses. Mas o governo francês afrontou os vietnamitas, não cumpriu o acordo e ainda proclamou unilateralmente, em Junho de 1946, a República da Conchin China (no Sul), um governo independente sob total domínio francês. Em Agosto de 1946, o presidente francês declarou que o seu país necessitava dos territórios marítimos daquela região para continuar uma nação poderosa, deixando claras as reais intenções francesas. A França bombardeou a cidade de Haipong, próxima a Hanói, para minar o fornecimento de recursos para os Viet Minh's (mais de seis mil mortos e feridos nessa ocasião). Estes revidaram o ataque mandando tropas para a cidade, dando início a Primeira Guerra da Indochina (WINDROW, 1998).

A reação não foi efetiva. Com maior poder de fogo, os franceses forçaram os Viet Minh's a fugir para as montanhas e florestas do noroeste da região, assim os comandados de Ho Chi Minh tiveram que novamente adotar táticas de guerrilha (destaque para a captura de equipamentos do inimigo, destruição de pontes e estradas, a confecção de armas caseiras e a compra de recursos no mercado negro, particularmente de origens tailandesa e chinesa), além de incitar movimentos de resistência camponesa não apenas no Vietnã, mas também no Laos e no Camboja (WINDROW, 1998). A impossibilidade de pacificar por completo a região da Indochina, especialmente nas áreas não urbanas, levou os franceses a tomarem medidas para enfraquecer a influencia

política de Ho Chin Minh. Assim, em Abril de 1948, a França induz o ex-líder vietnamita Bao Daí a assumir o governo do país que seria reconhecido como independente e unificado, mas com poderes limitados, em outras palavras, um governo de fachada que serviria como marionete dos franceses - interessante notar que Bao Daí sempre se caracterizou como nacionalista fervoroso e avesso ao domínio francês, no entanto, acreditava que mesmo sob as condições estabelecidas ele poderia ser a melhor alternativa para os vietnamitas. A França tinha o apoio de meio milhão de vietnamitas católicos no norte, dos grandes proprietários de terra, soldados e administradores. Nos anos de 1949 e 1947, Laos e Camboja, respectivamente, também são reconhecidos como independentes sob a tutela de governos submissos às vontades francesas, ou seja, uma independência limitada mantendo fortes laços com a França e dando margem para a organização de movimentos de resistência como a Frente Pathet Lao (Pátria Lao, no Laos) e o Khmer Issarak (Khemer Livre, no Camboja) (VISENTINI, 2013).

Os norte americanos toleravam, embora criticassem, a política francesa na Indochina, porque precisavam do apoio de Paris para a criação de uma aliança militar no Atlântico (a OTAN). No entanto, quando o exército comunista de Mao Zedong derrotou as forças nacionalistas de Chiang Kai-shek na guerra civil chinesa, o governo americano, até então desinteressado com o embate na região, sofreu um grande golpe político e reagiu com uma política externa de contenção da expansão comunista no sudeste asiático (VISENTINI, 2013). Em janeiro de 1950, A RDC e a URSS reconheceram Ho Chin Minh como líder da República Democrática do Vietnã, com isso, os chineses começaram a mandar suporte bélico para os Viet Minh's que permaneciam escondidos, acabando com o isolamento dos revolucionários vietnamitas. Ao mesmo tempo em que os EUA e a Grã-Bretanha reconheceram o Vietnã do Sul sob o governo fictício de Bao Daí e também forneceram artilharia pesada para o confronto. Já não se tratava mais de um conflito de descolonização, agora o problema era de ordem mundial guiado pela bipolaridade da época.

Num primeiro momento as tropas francesas tiveram grande vantagem devido a sua força aérea fortemente equipada pelos americanos, inclusive com a utilização de Napalm. O general francês, Jean de Lattre, estabeleceu um cerco à região ocupada pelos Viet Minh's, o que resultou em confrontos mais constantes e muitas perdas para ambos os lados. Nesse contexto, é dissolvido o PCI, em 1951, e são criados partidos independentes para o Laos, Camboja e Vietnã. O deste último é denominado Partido dos Trabalhadores do Vietnã (Dang Lao Dong Viet Nam) e é uma continuidade do PCI. Nos

meses seguintes, as tropas do coronel Vo Nguyen Giap conquistaram importantes vitórias, sob a estratégia principal de enfraquecer ao máximo as forças do inimigo e não necessariamente a conquista de territórios típico das táticas de guerrilha. Em 1953, o presidente Dwight Eisenhower assumiu os EUA e intensificou o auxilio as forças francesas sob o pretexto de que haveria um "efeito dominó" em outros países caso os comunistas saíssem vitoriosos no Vietnã – Em 1951, os Estados Unidos cobrem 15% da guerra; em 52, 35%; em 53, 45%; e em 54, 80% (VISENTINI, 2013). No mesmo ano, a URSS ocupa o território de Laos, ampliando as possibilidades de movimentos do exército de Ho Chi Minh e Giap. O Viet Minh, então, estende sua atuação ao Laos, em conjunto com a guerrilha do Pathet Lao, e ao Camboja, em apoio ao grupo Khmer-Issarak (WINDROW, 1998).

Em julho de 1953, tem fim a Guerra da Coréia com a assinatura de um armistício, ato que serviria de modelo para resolver o conflito no Vietnã (levando em conta também que a opinião pública francesa estava fortemente contra a chamada "Guerra Suja" que naquele momento só servia aos interesses dos norte americanos). O PTV iniciou uma campanha de reforma agrária que caçou os donos de terras e anticomunistas, sentenciando-os a prisão ou a morte. Em 13 de Março de 1954, teve inicio o último grande confronto, na guarnição de Dien Bien Phu, onde o número 5 vezes superior de vietnamitas foi determinante para o cerco e derrota dos franceses em 7 de Maio do mesmo ano (batalha que ficou conhecida como '55 dias de Inferno'). A principal consequência dessa derrota foi a perda de poder de barganha dos franceses na conferencia de Genebra. O governo de Washington tentou impedir a realização da conferencia, mas ela ocorreu mesmo assim. O resultado dela, realizada em 21 de Julho de 1954, foi a demarcação do paralelo 17 como "linha de demarcação provisória" dividindo o país em dois: o Vietnã Comunista no Norte (República Democrática do Vietnã) e Vietnã pró - ocidente no Sul (Reino Unido do Vietnã),

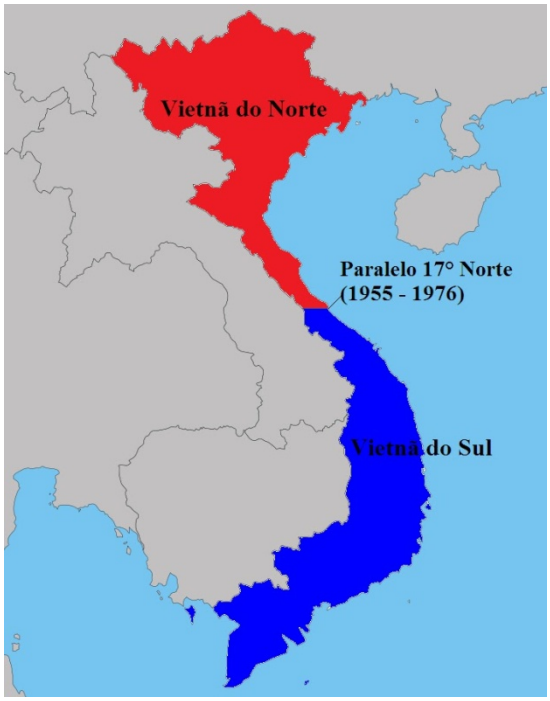

Imagem 2. Fonte: Wikipedia

até 1956 quando seriam realizadas eleições para a escolha de um líder para um Vietnã unido, os civis teriam dois anos de prazo para mudarem-se para o lado de sua preferência e os prisioneiros de guerra seriam libertados. Os acordos foram assinados por todos os participantes[1], exceto os Estados Unidos (VISENTINI, 2013). Além disso, também foram oficializadas as independências totais de Laos e do Camboja que tiveram reconhecida sua neutralidade. O marco do fim da Primeira Guerra da Indochina ocorreu em 1 de Agosto de 1954 na "Marcha para Libertação" que consistiu na expulsão de católicos e anticomunistas do Vietnã do Norte.

Segundo dados de Spencer Tucker (TUCKER, 1998) e Michael Clodfelter (CLODFELTER, 1995), a Primeira Guerra da Indochina resultou para os franceses em aproximadamente 95 mil capturados e feridos e mais de 75 mil mortos, enquanto os vietnamitas registraram mais de 500 mil mortos e feridos entre soldados e civis. A divisão do país causou uma espécie de "dé javu" para o mundo em relação a história recente na Correia. A linha comunista libertadora saia da Primeira Guerra da Indochina fortalecida e com perspectivas de crescimento para o território do Sul. Ciente desses fatos, o governo norte americano faria o possível para evitar tais consequências.

2.4. Segunda Guerra da Indochina (Estados Unidos x Vietnã)

A presença americana ainda não era oficial em território vietnamita, no entanto, todos os possíveis interessados já entendiam as suas intenções para a região. Através de ações indiretas, o governo americano passa a vender a imagem de defensor da liberdade alheia para a mídia internacional, preparando um cenário favorável para a sua intervenção, caso fosse necessária, e foi. A Segunda Guerra da Indochina ou mais conhecida como Guerra do Vietnã, foi um dos conflitos mais violentos da história da humanidade e representou a incrível derrota da superpotência ocidental para um país rústico e limitado. Tal derrota traria impactos marcantes para a política norte americana e assombraria seus líderes durante muitas décadas.

A principal preocupação norte americana após a Conferência de Genebra era evitar que os acordos estabelecidos fossem realizados, em especial, as eleições para líder de um Vietnã unificado, pois sabiam que os líderes comunistas venceriam. A primeira medida nesse sentido foi impor Ngo Dinh Diem como primeiro-ministro de Bao Daí no Vietnã do Sul. Em seguida, por pressão de Washington, os franceses

[1] **Participantes da Conferência de Genebra:** República Democrática do Vietnã, Reino Unido do Vietnã, França, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Camboja, Laos, União Soviética e República Popular da China.

abdicam da sua influencia na região, transferindo mais poder para o primeiro ministro. Nesse momento já era possível afirmar que o líder Bao Daí era apenas uma figura complementar. Conforme acordado na conferência, os católicos do norte e os soldados vietnamitas do exército francês cruzam o paralelo 17 rumo ao sul junto com suas famílias, chegando a cerca de 870 mil pessoas. Enquanto aproximadamente 100 mil soldados do Viet Minh fazem a travessia contrária, debilitando parcialmente a resistência no sul. O anti-marketing ou agenda negativa dos Estados Unidos em relação ao Vietnã do Norte tem início no mesmo ano, alegando um caráter totalitarista na RDV e visando manipular a opinião pública mundial. Uma forte perseguição aos opositores do regime estadunidense, sejam eles pró-franceses, comunistas, budistas ou a pequena burguesia de descendência chinesa, é desencadeada por Diem com o auxílio direto da CIA. Por fim, em Outubro de 1955, um plebiscito fraudulento é organizado e consolida Ngo Dinh Diem como líder da nova República do Vietnã. Como esperado, as eleições e a unificação previstas são abandonadas (VISENTINI, 2013).

O período mais favorável aos americanos no Vietnã ocorreu nos "tempos de paz" entre 1955 e 1959. Nessa época, Washington passou a enviar "conselheiros" para auxiliarem o governo de Diem em assuntos técnicos, militares e políticos. Os Estados Unidos ainda não tinham nenhuma tropa de combate no Vietnã, além disso, o povo, principalmente nas cidades, podia observar a ajuda que os americanos estavam oferecendo para a solução de problemas econômicos e sociais, e, consequentemente, não os olhava com a hostilidade que olhava os franceses. Já o governo de Diem foi progressivamente tornando-se corrupto e ineficaz, e certos setores da população passaram a demonstrar sua insatisfação, como os grupos nacionalistas que tentavam participar do governo e não conseguiam, chegando ao ponto de também serem perseguidos (RIZZO et al, 2007). Tamanha indisposição fez com que este grupo e os outros reprimidos se unissem aos comunistas e formassem, em Dezembro de 1960, a Frente de Libertação Nacional (FLN). Em relação aos acordos de Genebra, o governo americano alegou que não os havia assinado e Diem, com discurso parecido, diz que quem assinou os acordos foi o líder da antiga monarquia (Bao Daí) e não ele.

A demora para reação dos comandados de Ho Chi Minh se deu devido à pressão soviética que desejava evitar uma nova Guerra da Correia e manter a détente com os Estados Unidos, especialmente num contexto histórico de libertação das colônias europeias. Internamente, a má condução da reforma agrária promovida pelo governo do norte também gerou descontentamento por parte dos camponeses de várias regiões. O

Estado então passou a investir em infra-estrutura social e industrial. Implementos hidráulicos que aumentavam a área de cultivo e a colheita, incentivo a pesca, criação de um parque industrial de característica pesada (mineração, centrais elétricas e fundição, por exemplo) e ligeira (têxteis, madeira, açúcar e etc.), revolução médico-sanitarista e educacional foram algumas das medidas tomadas com a ajuda dos países socialistas. Os raros casos de corrupção vistos no Vietnã do Norte e a emancipação da mulher surpreendiam e testemunhavam a favor do regime (VISENTINI, 2013).

Todavia, mesmo diante desse quadro, o apoio imediato do governo norte vietnamita a FLN ficou marcado durante a terceira convenção do PTV, em Hanói no ano de 1960, quando o secretário geral, Le Duam, assegurou que a Frente seria desde então dirigida pelo Partido, com o objetivo de derrubar o regime de Diem, revogar a Constituição Sul Vietnamita e realizar a unificação do Norte e do Sul. Nesse momento, grande parte da população, tanto do norte quanto do sul, já estava ciente das intenções norte-americanas de estabelecer uma nova forma de colonialismo na região da antiga Indochina (RIZZO et al, 2007). Como parte da estratégia norte americana de desacreditar os guerrilheiros e influenciar a opinião pública mundial, os membros da FLN passaram a ser chamados de "Vietcongs" (vietnamitas comunistas).

Dado o cenário desfavorável ao regime do Sul e o crescente número de insurreições, os Estados Unidos passaram a avaliar a necessidade de uma intervenção direta. Ameaças de ataques nucleares foram conduzidas contra os governos da China e da União Soviética com o intuito de frear o auxílio destes para o Vietnã do Norte. O então presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, estava decidido a conter a expansão comunista no Vietnã, principalmente após o fracasso em Cuba, a construção do Muro de Berlim e o acordo entre o governo pró-ocidental do Laos e o movimento comunista Pathet Laos. O grande erro de Kennedy foi crer que Diem e suas forças conseguiriam derrotar as guerrilhas comunistas sozinhos, sem a intervenção direta das tropas norte americanas. O apoio logístico do Vietnã do Norte à FLN tinha um papel significativo, mas o ponto central da crise era a incompetência e corrupção do governo sul-vietnamita que fomentava as insurgências e tinha como preocupação principal apenas a sua permanência no poder. Até que em Novembro de 1963, um golpe dos militares sul-vietnamitas, com apoio de Washington, depôs Diem e o executou junto com seu irmão, Ngo Dinh Nhu (ex-chefe da polícia secreta do Vietnã do Sul e principal responsável pela perseguição aos budistas), em Saigon. John Kennedy é assassinado três semanas após Ngo Dinh Diem, sendo substituído por Lyndon Johnson. Uma sucessão

de treze golpes de Estado ocorreu em dois anos no Vietnã do Sul e os norte vietnamitas aproveitaram a instabilidade e aumentaram o apoio aos guerrilheiros do "vietcong". A situação era difícil para os Estados Unidos que tinha o controle apenas de Saigon, das capitais provinciais, das principais cidades e estradas e algumas aldeias estratégicas, enquanto 75% do país estavam nas mãos da FNL (VISENTINI, 2013).

Em Agosto de 1964, ocorreu o Incidente do Golfo de Tonkin, quando o destróier norte-americano USS Maddox, em missão de patrulha e vigilância secreta no Golfo de Tonkin, supostamente em águas internacionais, foi atacado por três lanchas torpedeiras da marinha norte vietnamita, ocorrendo então uma troca de tiros e lançamentos de torpedos entre eles. Era o pretexto necessário para Johnson incitar o povo americano e autorizar a ocupação do seu exército na região – em 2005, entretanto, documentos liberados pela Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos revelaram que todo o ensejo não passou de uma manipulação do governo de Johnson para legitimar a invasão americana. Um ano depois, os norte americanos deram início a Operação Rolling Thunder, que consistia em bombardeios sistemáticos ao Vietnã do Norte e duraria de Março de 1965 até Novembro de 1968. A direcionada opinião pública estadunidense apoiou as ofensivas no Vietnã por se tratar de um combate a expansão do comunismo pelo mundo. Nesse contexto, Ho Chi Minh faz uma declaração ao povo vietnamita que repercute mundialmente na qual cabe ressaltar o seguinte trecho:

> "Johnson e seus acólitos devem estar cientes disto: podem enviar 500 mil homens, um milhão ou até mais, para intensificar a guerra do Vietnã do Sul; podem utilizar milhares de aviões para multiplicar os ataques contra o Norte, mas jamais poderão abalar nossa férrea vontade de combater a agressão norte-americana, pela salvação nacional. Quanto mais agressivos se mostram, mais agravam seu crime, a guerra poderá durar ainda cinco anos, dez anos, vinte anos ou mais ainda; Hanói, Haiphong e outras cidades ou empresas poderão ser destruídas, mas o povo vietnamita não se deixará intimidar. Não existe nada mais precioso que a independência e a liberdade. Após a vitória, nosso povo reconstruirá o país, melhor, maior e mais belo. (LLOYD, 1987)

Os norte americanos jogaram no Vietnã meios de destruição poderosíssimos, dentre os quais se destacam o uso de armas químicas (Napalm e o Agente Laranja), armamento bélico com tecnologia de ponta para a época, além, é claro, do grande número de efetivos militares. Estes, por sinal, passaram de 25 mil em 1965 para 600 mil em 1968 (VISENTINI, 2013). Em Julho de 1966, o brigadeiro Nguyen Cao Ky assumiu o poder e estabilizou a conjuntura política no Vietnã do Sul, sendo sucedido pelo

general Nguyen Van Thieu, dando fim a linhagem de golpes das juntas militares. Agrega-se a isso a injeção de produtos e de dinheiro americano no país, transformando a economia e causando boa impressão na sociedade sul-vietnamita, mas também fomentando uma grande onda de corrupção local.

A assimetria de forças obrigou a RDV a descentralizar suas tropas, indústrias e população, enviando-as para o campo e distribuindo armas para reagirem aos ataques e organizarem uma economia de guerra (VISENTINI, 2013). Devido à ajuda de países socialistas, ocorreu a modernização das tropas, no entanto, não era o suficiente, seria necessária uma estratégia bem definida de guerra popular, onde os ataques à retaguarda do inimigo e a pontos estratégicos fossem constantes e imprevisíveis, era a anti-guerra convencional[2]. Só assim seria possível balancear as forças e combater "muitos com poucos". Seria uma guerra prolongada, minando o psicológico do inimigo e sempre se resguardando nas montanhas no Sul, nos países socialistas e nas florestas do Norte (VISENTINI, 2013). Em 1968, aconteceu então a Ofensiva de Tet que representou a virada da guerra em favor dos vietnamitas. A ofensiva organizada pelo general Giap, da FLN, atacou mais de cem cidades sul-vietnamitas e algumas bases norte americanas estratégicas ao mesmo tempo. Embora o grande número de perdas humanas, o objetivo maior da ofensiva foi concretizado. Visentini descreveu o resultado dela, assim:

> "A vitória tática não consolou os americanos, que não ignoravam sua derrota estratégica. Durante anos, os EUA apregoaram a fraqueza da guerrilha, "uma minoria radical sem base popular e capacidade militar". Então, de repente, a FNL mostrava que não havia um único local seguro no Vietnã do Sul, e que podia atacar todo o país simultaneamente com uma precisão cronométrica." (VISENTINI, 2013:222)

Mais do que a vitória moral, os norte vietnamitas também alcançaram resultados políticos: a queda do general William Westmoreland, comandante das forças norte-americanas no Vietnã e a desistência de Johnson da sua reeleição em 1968. A opinião pública norte americana começou a contestar as versões oficiais sobre a situação do conflito e movimentos pacifistas surgiram de forma espantosa em vários países, entre eles os Estados Unidos. Além disso, os danosos resultados econômicos de uma guerra prolongada começaram a afetar o gigante do Ocidente. Nesse contexto, os americanos se viram obrigados a iniciar negociações de paz três meses depois em Paris.

[2] Guerra convencional ou Guerra clássica: aquela travada no plano militar, por Forças Armadas organizadas, equipadas e que atuam em moldes tradicionais. Exemplo: Primeira e Segunda Guerras Mundiais (GARCIA, 1994)

Em 1969, Richard Nixon assumiu a presidência dos Estados Unidos e iniciou a fase de vietnamização do conflito, armando o que defendeu na sua campanha eleitoral como "retirada honrosa". O estado crítico das tropas americanas em termos físicos e morais chamou a atenção de Nixon. Mais de 30% dos soldados estavam viciados em drogas (número que chegaria a 60% em 1971) e o número de deserções assustava os oficiais de guerra. Nixon levou em conta o cálculo de custo/eficácia de manter as tropas em território asiático e entendeu que as retirando era possível abastecer melhor Saigon financeiramente, além da ideia de que um soldado vietnamita morto não causa problemas perante a opinião pública internacional, diferente de um soldado americano (VISENTINI, 2013). Nixon também estabeleceu negociações, procurando uma *détente* com a União Soviética, que levou a uma redução de armas nucleares pelas superpotências, e uma reaproximação com a China, numa política que ajudou a diminuir as tensões internacionais. Entretanto, os dois países continuaram a enviar ajuda aos norte vietnamitas. Em setembro de 1969, Ho Chi Minh morreu em Hanói, aos 79 anos.

Paralelamente a esse cenário, o governo americano decidiu expandir seu raio de ação para o Laos e o Camboja. No primeiro, a presença americana fez o Pathet Lao sair do poder e voltar a ser uma guerrilha, ocupando mais da metade do país. O ataque de Thieu ao sul do país foi um fracasso, fortalecendo ainda mais a guerrilha. Enquanto no segundo, o príncipe Sihanouk declarou sua neutralidade, mas afastou-se dos EUA devido a constantes ataques nas suas fronteiras com o Vietnã do Norte para destruir bases de resistência inimiga. Em 1970, um golpe organizado pela direita cambojana em conjunto com Washington levou Lon Nol ao poder, proclamando a República do Khmer. Ao passo que o deposto Sihanouk passou a apoiar a guerrilha do Khmer Vermelho que também ganhou o apoio dos camponeses e isolou Lon Nol sob a proteção americana. Em suma pode-se dizer que houve uma clara falha na vietnamização do conflito e que a operação não obteve êxito.

A aproximação das eleições de 1972 fez com que Nixon recuasse estrategicamente e voltasse às negociações. Todavia, após a confirmação de sua reeleição, ele desencadeou uma maciça ofensiva sobre Hanói e Haipong. A União Soviética reagiu ao ataque fornecendo os chamados mísseis SAM aos vietnamitas. A ofensiva destruiu a maior parte da capacidade industrial e econômica remanescente dos nortistas, porém, os norte americanos também tiveram perdas significativas de bombardeiros por causa da eficiente defesa antiaérea da FLN. Simultaneamente, Nixon

pressionava Thieu ameaçando concluir um tratado bilateral de paz com os norte vietnamitas e retirando qualquer auxílio ao sul.

Finalmente, em 15 de janeiro de 1973, o presidente Nixon anunciou ao mundo a suspensão das operações ofensivas norte-americanas no Vietnã. Os Acordos de Paz de Paris foram assinados em Janeiro de 1973 encerrando oficialmente o envolvimento dos Estados Unidos na Guerra do Vietnã tendo que retirar suas tropas em 60 dias. Um cessar-fogo entraria em vigor entre os países do norte e do sul e os prisioneiros de guerra seriam libertados, com a integridade territorial do Vietnã sendo garantida. Como depois da Convenção de Genebra em 1954, eleições foram marcadas para os próximos seis meses nos dois países. Também foi reconhecida a existência de duas administrações no Vietnã do Sul, a de Saigon e a do Governo Revolucionário Provisório da República do Vietnã do Sul (GRP), este segundo, representando os grupos vinculados à FLN (VISENTINI, 2013).

Antes de a trégua entrar em vigor, os norte americanos prestaram um último e pesado abastecimento ao exército sul vietnamita, deixando-os com a terceira frota aérea do mundo em qualidade e quantidade, perdendo apenas para os EUA e a URSS. No entanto, os impactos econômicos da saída das tropas ocidentais tornaram esse poderio ilusório. O governo e a população de Saigon eram totalmente dependentes da presença e auxílio americanos. Além do grande aumento da urbanização, criminalidade e prostituição, o comércio se deteriorou e os níveis de inflação subiram a níveis alarmantes. Para agravar a situação sul vietnamita, o escândalo de Watergate veio à tona e o presidente Nixon foi forçado a se demitir. A consequência imediata foi a redução drástica da ajuda financeira à Saigon em 300 milhões de dólares. Se não bastasse, a crise mundial do petróleo atingiu também a economia do Vietnã do Sul. Ainda assim, Van Thieu se negou a cumprir os acordos do Tratado de Paris, não libertou os presos de guerra e iniciou uma ofensiva contra os vietcongs, empurrando-os para o Norte. A FLN compreendeu, então, que precisava tomar alguma atitude para que o Tratado de Paris não tivesse o mesmo destino do Tratado de Genebra de anos atrás. Importante ressaltar também que outra razão para aceleração do processo de reunificação foi o aspecto econômico. A atração do vasto potencial da agricultura, pesca e silvicultura do Sul amenizariam o latente problema da fome em todo o país, bem como o desenvolvimento industrial de bens de consumo, dos transportes e das comunicações, graças ao sofisticado sistema implantado pelos norte americanos (QUINNJUDGED, 2006).

Uma primeira ofensiva da FLN foi feita com cautela, afinal, ninguém no Norte desejaria a volta da ocupação militar americana. Em Dezembro de 1974, a província Phuoc Long foi ocupada e tanto as bases americanas quanto Saigon não reagiram. Era a confirmação esperada pelos nortistas para a chamada Campanha de Ho Chi Minh. Enquanto isso, nos EUA, Gerald Ford, novo presidente após a saída de Nixon, teve seu pedido de auxílio às tropas sulistas negado pelo Congresso. Novas campanhas foram organizadas e em Abril de 1975 mais da metade do Vietnã do Sul já havia sido tomado. Van Thieu fez suas tropas recuarem até as áreas próximas a Saigon para conter o avanço da FLN e do GRP e para proteger a capital. Em 21 de Abril, após novas derrotas do seu exército, o presidente Thieu renunciou ao cargo, acusando os norte-americanos de tê-los traído, fugindo para Taiwan e deixando o controle do governo nas mãos do general Duong Van Minh que segue a mesma política do seu antecessor e aguardando um milagre. Em 27 de Abril de 1975 soldados do norte cercaram Saigon e obrigaram o fechamento do seu aeroporto. No mesmo dia, Huang renunciou ao cargo e o entregou a Zuong Van Minh. Três dias depois, em 30 de Abril de 1975, os tanques comunistas cruzaram os portões do Palácio Presidencial e completaram a unificação do país, pondo fim a mais de 35 anos de lutas ininterruptas. Três potenciais industriais, incluindo a nação mais poderosa do planeta, não haviam conseguido quebrar a vontade de um pequeno povo e de sua direção política (VISENTINI, 2013).

No Laos, o governo monárquico foi derrubado pelo Pathet Laos, instalando-se a República Democrática do Povo do Laos. E no Camboja, a capital foi tomada pelo Khmer Vermelho, que proclamou a fundação do Kampuchea Democrático, liderados por Pol Pot. Durante a guerra foram usadas 15 milhões de toneladas de munição e foram destruídos 3.689 aviões e 4.857 helicópteros. O exercito sul vietnamita perdeu 223.748 homens, já do lado oposto não há números exatos, mas estima-se que tenham morrido 440 mil soldados do norte. Infelizmente as maiores perdas registram-se entre os civis: 4 milhões de mortos e 300.000 desaparecidos. Do lado americano calcula-se que o número de vítimas chegue a 57.000 e ainda hoje são dados como desaparecidos 2.000 homens. O triunfo vietnamita só foi possível pela complexa e competente estrutura política que se organizou especificamente para o conflito e também foi indispensável a dissociação da estrutura industrial em relação ao capitalismo. Em outras palavras, sem o apoio e auxílio dos países socialistas capazes de frear o ímpeto norte americano na região, pouco poderia ser realizado (VISENTINI, 2013). O novo Estado do Vietnã entrava numa nova fase onde deveria buscar o aprimoramento das bases econômicas e

políticas, mostrando que as lições do passado seriam ponderadas em vista dos novos desafios

2.5. Terceira Guerra da Indochina (China x Vietnã)

A vitória vietnamita se deu num contexto histórico marcante de libertação nacional no Terceiro Mundo. As derrotas imperialistas, por assim dizer, em Israel, Etiópia, Cabo Verde, entre outras, não se comparavam ao fracasso dos norte americanos representado no Vietnã com a presença direta de tropas estadunidenses. O impacto foi tão grande que os Estados Unidos se recolheram temporariamente no cenário político internacional. O governo estava desacreditado devido aos escândalos recorrentes e ao vazamento de documentos oficiais e relatos pessoais que evidenciaram as atrocidades cometidas durante o período de guerra. Como também a imprensa internacional pressionava o novo presidente James Carter (1977 – 81) a diminuir a presença nos países do Terceiro Mundo. O governo vietnamita percebeu o momento como precioso para reiniciar um projeto de estabilização econômica e política, ainda assim, o período seria marcado por conflitos com o Camboja e com a China que debilitaram a capacidade de controle da situação por parte PCV. As reformas que se estabelecem no fim do período se justificam através do próprio contexto regional e mundial no qual o Vietnã se via cada vez mais envolvido.

Apesar da grande vitória nos âmbitos militar e político, o território e o povo do Vietnã estavam devastados. Quase um terço do território fértil do país estava inutilizável por causa da utilização das armas químicas. Os seguidos bombardeios do passado a inúmeras indústrias e cidades debilitaram economicamente o planejamento do governo e isso ocasionava grandes problemas sociais, em especial nos grandes centros urbanos do Sul que estavam acostumados com uma lógica de consumo capitalista sustentada pelos americanos. Diante desse quadro, o principal objetivo dos líderes vietnamitas era a estabilização política e econômica. Com esse cunho, em Abril de 1976, foi decidido em assembléia geral a reunificação do país, agora com o nome de República Socialista do Vietnã (RSV). Em Dezembro do mesmo ano, organizou-se um grande congresso nacional com representantes dos principais grupos de poder no território, destacando-se o PTV e o Partido Popular Revolucionário, uma espécie de PTV do Sul. Tais forças entraram em acordo e fundiram-se para criar o Partido Comunista do Vietnã com a coexistência de todos, mas sob uma liderança implícita dos dois principais grupos. As primeiras medidas sócio-econômicos foram a “devolução” de

mais de um milhão de pessoas para as áreas rurais, a cassação da elite burguesa e latifundiária sulista e a criação de campos de reabilitação para os antigos funcionários públicos e policiais do antigo Vietnã do Sul (VISENTINI, 2013).

Entre 1977 e 1978, com a aparente estabilização política, a RSV alcançou feitos interessantes como a entrada na Organização das Nações Unidas (ONU) e no Conselho de Ajuda Mútua Econômica (COMECON), o início das tratativas para restabelecer relações com os Estados Unidos e a assinatura do Tratado de Amizade e Cooperação (TAC) com a União Soviética. Resultados positivos também foram perceptíveis nas áreas de alimentação e saúde.

Paralelamente a todos estes acontecimentos, um novo entrave surgia na figura de Pol Pot, o líder cambojano do Khmer Vermelho. Ele, desconfiado das intenções vietnamitas para com a região, iniciou uma perseguição aos membros do Hanói Khmer - grupo formado pelo Vietnã para treinar e auxiliar os membros do Khmer vermelho no durante e pós revolução – e a todos aqueles que ele suspeitasse serem contra a sua administração. Em seguida, incursões de comando e combate causaram destruição generalizada ao longo da fronteira entre os dois países sob o aval do governo chinês. Foram praticamente quatro anos de um sanguinário regime responsável pelo genocídio de grande parte da população do Camboja e ameaças aos vietnamitas. Em Fevereiro de 1978, o Vietnã propôs o estabelecimento de zonas desmilitarizadas ao longo da fronteira entre os dois países, no entanto, o governo do Kampuchea Democrático rejeitou a oferta. Até que em Dezembro do mesmo ano, uma grande ofensiva invadiu o Camboja e depôs o comando do Khmer Vermelho, ocupando a capital Phnom Penh e obrigando Pol Pot a se refugiar nas montanhas (GORDON, 1986).

Alguns motivos específicos levaram a essa decisão do PCV de revidar as ofensivas do país vizinho, mesmo cientes dos riscos que uma retomada militar poderia acarretar para a reconstrução e desenvolvimento do seu país. Primeiro, o Camboja de Pol Pot representava uma ameaça muito real para a segurança da fronteira sudoeste do Vietnã e do Delta do Mekong. O Vietnã teve que cancelar os planos de desenvolvimento de novas zonas econômicas nessas áreas de fronteira com grande potencial agrícola. Além disso, o Vietnã temia a influência de Phnom Penh sobre os cerca de 500 mil moradores de etnia cambojana do seu lado da fronteira; Segundo, os vietnamitas, como deixaram claro em cada declaração pública e privada, consideravam o Camboja um instrumento da estratégia de Pequim para enfraquecer o Vietnã e estender a sua influência em todo o Sudeste Asiático; Terceiro, como o Camboja

estreitou suas relações com a Tailândia, Hanói temia que essa aliança pudesse se tornar o bastião de uma coalizão anti-vietnamita gigantesca apoiada não só pela China, mas também pela ASEAN e pelos Estados Unidos; E quarto, o Vietnã tradicionalmente considerava o Camboja, assim como o Laos, um Estado tributário (TURLEY e RACE, 1980).

Como retaliação a RSV pela invasão no Camboja, a China desencadeia, em Fevereiro de 1979, uma campanha no norte do Vietnã e captura algumas das cidades fronteiriças entre eles. A decisão da China de invadir o Vietnã não era simplesmente um gesto de apoio a Pol Pot. Foi o culminar de um esforço de longo prazo para extrair certa flexibilidade de Hanói em questões estratégicas cruciais. Após a aproximação com os Estados Unidos (1971) os chineses passaram a ter uma política externa pró-ocidental. Assim, preocupados com a ameaça soviética, e principalmente preocupados com o equilíbrio de poder na Ásia e no Pacífico e com a segurança do seu flanco sul, usaram a invasão vietnamita do Camboja como um pretexto para mostrar ao Vietnã a gravidade com que Pequim via a obstinação de Hanói e o potencial da China para fazer algo sobre isso. Além disso, certamente questões históricas também influenciaram nessa decisão. Os paralelos que podem ser traçados entre a relação China-Vietnã e a relação Vietnã-Camboja são notáveis. Assim como os chineses tomaram uma atitude paternalista para com os vietnamitas, estes o fizeram com os cambojanos. Em cada relacionamento, a nação maior considera a menor um peão e um agente de cerco. O Estado menor se ressente da insistência aparente do maior em querer lhe entregar o papel de vassalo, que aquele acreditava ter sido abolido por modernas ideologias e longas guerras de independência nacional. Essas percepções levam os poderes maiores para exagerar a ameaça que emana dos menores e também levam todas as partes a adotar posições inflexíveis sobre as questões fundamentais que as dividem (TURLEY e RACE, 1980).

Após um mês de conflito, a União Soviética anunciou aos chineses que faria valer o TAC assinado com o Vietnã, caso Pequim não cessasse os ataques. Não desejosos de uma escalada militar contra a segunda maior potencia mundial, a China decidiu retirar suas tropas da RSV em Março de 1979. O Vietnã se declarou vitorioso do embate mesmo obtendo perdas significantes de infra-estrutura e capacidade militar, pois manteve suas tropas no Camboja e estabeleceu um novo governo conhecido como FUNSKN (situação que só seria normalizada em 1989 com a retirada total das tropas da RSV). Todavia, os chineses atingiram o mais eficaz objetivo que era demonstrar aos vietnamitas que suas ações na região não sairiam impunes e que a União Soviética já

não tinha o mesmo poderio econômico para intervir decisivamente junto a seus aliados. Os números resultantes da Terceira Guerra da Indochina não são definitivos, cada governo divulgou levantamentos independentes que estavam, obviamente, em dissonância. Estima-se que o Vietnã teria perdido mais de 60 mil homens entre soldados e civis, enquanto a China teria uma baixa de 26 mil combatentes entre mortos e feridos.

O estreitamento das relações da RSV com a URSS representa também o isolamento do primeiro perante o mundo não socialista. A conjuntura internacional de crise econômica chegou ao V Congresso do PCV em 1980. O novo secretário geral, Le Duan, manteve a mesma equipe administrativa formada pelos veteranos das guerras (entre eles o coronel Giap) e implementou algumas mudanças no campo para amenizar os efeitos da crise. Nos primeiros anos após o V Congresso, ocorreram, de fato, melhoras nas áreas de infra-estrutura social e industrial, da saúde e da educação, no entanto, resultados pouco significativos em vista dos problemas econômicos e de gestão pelos quais o país atravessava.

Nos EUA, Ronald Reagan assumiu a presidência do país e botou em prática as ações conservadoras que definiriam os rumos do mundo bipolar. O presidente iniciou a retomada da corrida armamentista, voltando a ter vantagem militar, botando fim a détente e debilitando economicamente a União Soviética que não tinha mais como bancar uma competição equilibrada com a grande potencia ocidental. As principais consequências dessa "volta" da Guerra Fria foram a drástica diminuição (beirando ao abandono) do auxílio dado pela URSS aos aliados do Terceiro Mundo e o começo da reformas econômicas e políticas do governo de Gorbachov, a *Perestroika* e a Glasnost, respectivamente. Tais reformas procuravam, entre outras coisas, cessar os conflitos correntes em países do Terceiro Mundo, como no Afeganistão e no Camboja onde governos de coalizão foram estabelecidos. Essa nova abordagem dos soviéticos perante o conflito preocupava o PCV devido ao temor de perder o apoio da sua grande aliada e ver-se isolado por completo. (VISENTINI, 2013)

A grande metamorfose que acontecia no quadro mundial conduzia a conservadora elite do partido comunista do Vietnã a ponderar sobre medidas inovadoras que conduzissem o país para o desenvolvimento sustentável e, mais importante, para o estancamento dos problemas sociais que eram a fonte maior de descontentamento por parte da população.

A análise do histórico apresentado aqui nesta sessão demonstra os motivos para esse país ainda hoje ser atrasado em termos de estrutura industrial e social e, ainda, nos

esclarece o porquê da grande dificuldade do Vietnã se inserir regional e internacionalmente. Afinal, um país que historicamente luta para não ser subjugado a papéis periféricos tem desconfianças de sobra para justificar a resistência em abrir-se para o mundo. No capítulo seguinte, entenderemos de que forma essas fatídicas reformas estruturais foram processadas dentro do país e suas consequências e limitações.

3.0. DOI – MOI: ABERTURA COMERCIAL E SEUS IMPACTOS

Este capítulo apresenta uma análise sobre as reformas político-econômicas, Doi Moi, ocorridas no Vietnã a partir da metade da década de 80. Após analisar o histórico do país, pode-se perceber que a conjuntura da época aliada aos desdobramentos internos conduziu invariavelmente o governo do país para as mudanças estruturais expostas nesta sessão. Variando de acordo com os critérios que se adotam, podemos encontrar resultados satisfatórios tanto no campo econômico quanto no campo empresarial, ao passo que, no campo social o desenvolvimento econômico não representou necessariamente uma melhora no bem-estar social.

3.1. Precedentes

No ano de 1986, ocorreu o VI Congresso do PCV, caracterizado por duras críticas a administração da época devido ao grande aumento da corrupção, agravamento dos problemas demográficos e pelo fraco desenvolvimento socioeconômico obtido através do conceito de planejamento central do governo. A visão da ala mais inovadora do PCV era de que uma renovação na elite do partido se fazia necessária urgentemente, tendo que ser tratada como uma questão de sobrevivência da nação. Nguyen Van Linh assume o posto de secretário geral do partido e começa os processos de abertura política e reforma econômica com o objetivo de vencer o subdesenvolvimento do país. Na segunda metade da década de 80, a inflação atingiu níveis próximos a 500% na RSV, o território vietnamita é declarado pela ONU como zona de fome e o isolamento decorrido do fim da Guerra Fria e do colapso do bloco soviético obrigam Nguyen a acelerar esses processos. Ocorre então a retirada total das tropas vietnamitas do Camboja, o que permite, a partir de 1990, uma reaproximação com a China e com os EUA e a diminuição gradual do isolamento político e econômico (VISENTINI, 2013).

3.2. O que foi o Doi Moi?

O governo vietnamita abandonou o modelo de planejamento central (aos moldes soviéticos) e adotou uma “economia de mercado socialista orientada pelo Estado”, também conhecida como Doi Moi (Renovação). Doi Moi apresenta um vasto leque de medidas políticas, incluindo a remoção dos preços administrados de bens e serviços, a remoção ou redução de controles oficiais sobre o mercado de câmbio e comércio internacional, a aceitação de formas não-socialistas de gestão empresarial, tais como

empresas privadas e joint-ventures nos setores de indústria e serviços, o surgimento de fazendas individuais no sector agrícola e as também reformas bancárias (LE & LE, 2000).

Como esperado, após esta tomada de decisão, o Estado, a economia e a sociedade passaram por diversas transformações marcantes. Baseando-se exclusivamente no aspecto econômico, os resultados foram positivos, como prova o aumento do PIB e a redução da miséria de modo geral. Outros aspectos relevantes são a maior abertura política e o surgimento de novas classes sociais.

Todavia, os aspectos sociais não caminharam necessariamente na mesma direção. O aumento da criminalidade, a precarização da saúde pública, a enorme discrepância na distribuição de renda e as altas taxas de desemprego (devido o aumento da urbanização) são alguns exemplos desse outro lado dos custos de crescimento. Outro ponto importante de se destacar são as novas demandas que acompanharam esta inovadora política de mercado, não somente da população, mas também dos investidores estrangeiros; influentes por causa das suas capacidades de persuadir o Estado. Ainda, estas mudanças causaram dilemas internos na própria cúpula do Estado que parecia não entender para que direção as reformas estavam conduzindo o país e até que ponto valeria a pena seguir implementando-as.

Alguns passaram a argumentar que o Vietnã abandonou o socialismo ao adotar o Doi-Moi, outros defendem que é possível uma estratégia de mercado orientada por um Estado socialista. O que se percebe, de fato, é que como argumentou Pietra Masina (2006), as duas décadas de reforma produziram inéditas pressões e interesses que influenciarão na modelagem da nova sociedade e economia vietnamita. Dentre essas pressões, encontra-se o compromisso de reconstruir o socialismo sem deixar claro, no entanto, qual o limite necessário para manter a força política do Estado.

Segundo Melanie Beresford (2008), existem dois pontos centrais os quais o Estado e a vida política vietnamita influenciam e são influenciados pelas mudanças de estrutura econômica:

(1) A política doméstica de "Look East" (Olhe para o Leste) que busca um parâmetro de industrialização tardia bem-sucedida. O problema, porém, encontra-se no fato de que nenhuma das possíveis nações era declaradamente socialista, muito antes pelo contrário.

(2) O significado de socialismo de acordo com o novo contexto do Vietnã.

3.3. Divergências dos modelos asiáticos e o novo socialismo

As economias ocidentais são orientadas, em especial após o consenso de Washington, para uma visão liberal de mercado. Em contrapartida, o governo vietnamita trabalha exatamente com a ideia contrária de regulação do mercado por parte do Estado, principalmente tendo o poder sobre o alto comando das estatais.

Robert Wade (1998) descreveu como "aliança do capitalismo" o modelo de gestão que tem como principal fornecedor de investimento os bancos estatais. Assim, as grandes empresas teriam uma fonte segura de recursos e ao mesmo tempo estreitariam seus laços (e gastos) com os atores do governo. O grande perigo reside exatamente na pessoalidade desse tipo de sistema, onde os critérios para empréstimos e investimentos deixariam de ser as probabilidades de sucesso de determinado projeto e, sim, as relações e a reputação da empresa solicitante. Wade ainda diferencia a "aliança do capitalismo" do nepotismo tradicional. Segundo ele, o primeiro sistema teria uma lógica mais econômica (sendo eficiente ou não), enquanto o nepotismo se basearia em regimes que se estabeleceram em circunstâncias excepcionais e precisam de parceiros fortes para sustentar a base do regime. Dessa forma, o que se repete é a chamada "troca de favores" entre as grandes investidoras e o Estado.

O problema da tese de Wade esta exatamente nessa diferenciação política e econômica. Atualmente todos os governos necessitam trabalhar em ambas as esferas, tanto para facilitar a acumulação de capital, como para legitimar o regime. Tais objetivos não se alcançam separadamente, no entanto, podem ocorrer tanto no curto como no longo prazo. Países do Leste asiático de industrialização tardia atingiram ambos objetivos, mesmo tendo iniciado o processo com regimes autoritários que tinham maior facilidade de acumulação e crescimento devido as suas características. As mesmas que, por sinal, ajudaram também a disseminar os benefícios e lucros, legitimando o regime e isolando a oposição.

Duas características principais da "aliança do capitalismo" ficam evidentes. Uma delas é a habilidade de realizar mudanças estruturais de longo prazo (industrialização). Na história do capitalismo, nenhuma nação ou grupo conseguiu atingir os mesmos resultados em termos de crescimento sustentável, diversificação econômica e melhora nos padrões de vida do que no chamado "milagre" do leste asiático. Tais resultados certamente não seriam possíveis se não houvesse intervenções dos respectivos governos em dados momentos. O grande desafio para as nações em desenvolvimento é fazer com que os investimentos no país se revertam para mudanças significativas na estrutura

econômica dos mesmos. Assim sendo, a quantidade de capital que circula pelo país não necessariamente representa o seu melhor aproveitamento.

No que tange as economias mais pobres, a tendência dos investimentos realizados é de perpetuação da sua posição de mero fornecedor de insumos. Via de regra, nesses países, o setor financeiro é muito precário e os donos de terras não possuem a cultura da poupança. Dessa forma, a intervenção do Estado se faz necessária para aumentar e melhorar a divisão da renda nacional para setores até então periféricos, incentivando também, por consequência, a industrialização.

Uma característica fundamental do modelo do leste asiático é, portanto, que as decisões de investimentos e mudanças estruturais de longo prazo se tornaram políticas de Estado e visaram como prioridade o investimento em setores e empresas públicas, deixando o setor privado em segundo plano até a estabilização econômica.

A outra característica fundamental é a capacidade de evitar instabilidades de mercado e de governo. Diferente do nepotismo, a "aliança do capitalismo" não estimula a concentração de renda nas mãos de uma elite restrita. Os investimentos públicos feitos em grandes empresas (repito, em suma maioria estatais), foram acompanhados de políticas de pressão por resultados, por assim dizer, para a que as mesmas se fortalecessem a ponto de se tornarem competitivas no mercado internacional. Um simples sistema de metas é um exemplo dessas políticas. As empresas que, ao longo do tempo, não atingiam seus objetivos pré-estabelecidos (treinamento de mão-de-obra, descoberta de mercados em potencial, etc), perdiam suas regalias como subsídios e incentivos especiais do Estado.

Existem três pilares básicos que sustentam a chamada economia socialista. São eles: (1) alocação de recursos por meio do planejamento central e eliminação dos mercados de bens e de trabalho; (2) a posse de todos os principais meios de produção pelo Estado, o que representa toda a sociedade, e eliminação da iniciativa privada; e (3) a distribuição de renda de acordo com o volume de trabalho e a eliminação de diferenças salariais com base no mercado de trabalho.

O Partido Comunista do Vietnã nunca conseguiu acabar com os mercados e com a iniciativa privada. Pressões para mudanças emergiram em 1979 e foram gradualmente aumentando ao longo do tempo. O que se aplica dessas regras é a posse dos principais meios de produção por parte do Estado, assim o governo se proclama como guia e balizador do desenvolvimento estrutural e econômico de acordo com o que a sociedade precisa. E seus objetivos encontram-se entre a modernização e a industrialização.

Obviamente é passível de dúvidas se o Partido Comunista do Vietnã tem a habilidade necessária para identificar os problemas da sociedade e conduzir o desenvolvimento sem se deixar levar pelo nepotismo.

O desafio de criar uma sociedade civilizada e igualitária torna-se mais complexo e demorado a partir da abertura comercial. A influência externa de um mundo globalizado traz novos obstáculos para o projeto de construção de uma nação.

3.4. O impacto das reformas nas estatais e no PIB

O cenário pré-Doi Moi era desolador. O governo não permitia o fechamento, dissolução ou privatização de suas grandes estatais, no entanto, também não renovava os investimentos feitos nas décadas de 60 e 70. Dessa forma, as condições dentro das empresas eram muito precárias e com maquinário ultrapassado. O foco principal era a criação de novas companhias e que as antigas caminhassem com os próprios recursos. O que invariavelmente não se mostrou efetivo. Em 1987 foi institucionalizada uma maior autonomia dessas grandes empresas, todavia, apenas poucas alcançaram uma modernização relativa. A posterior abertura de mercado evidenciou que as estatais estavam, em geral, em piores condições do que quando foram criadas. Análises otimistas e errôneas das capacidades de renovação das empresas selavam o destino das grandes companhias vietnamitas.

A partir da década de 70, as contestações das capacidades do PCV de comandar o desenvolvimento do país começaram a surgir. Um processo de reforma institucional teve início, basicamente, através da concessão de maior autonomia às empresas. Na década de 1990, essa autonomia foi estendida a ponto de permitir a formação de joint-ventures com investidores estrangeiros e também um processo de privatização parcial, ou seja, determinada porcentagem das empresas permaneciam com o Estado e o restante podia ser privatizada, em especial, tratando-se de empresas menores e não-essenciais. A ideia central era de que a mercantilização da economia seria o suficiente para impulsionar o desenvolvimento estrutural e econômico. Justificando-se assim, o PCV abriu mão de intervenções mais profundas no mercado (market-directing) e focou seus esforços na infra-estrutura industrial e social (educação e saúde pública). Portanto, neste processo as estatais foram, em grande parte, deixadas de lado. Mesmo com uma realidade de tecnologia ultrapassada, sistemas de produção mal integrados e baixa lucratividade, esperava-se deles, sob o regime de autonomia da empresa, que sobrevivessem e se revitalizassem com suas próprias forças. O resultado foi que um

número expressivo de companhias manteve-se não rentável, de modo que a inadimplência delas em relação aos bancos forçou um importante programa de reestruturação bancária realizado em 2002-03.

De 1985 até 1988 o PIB estava com um crescimento estagnado de 3,9% ao ano. A partir de 1988 esse número subiu para 5,2%, chegando a 8,6% anuais entre 1991 e 1998. No agregado do período entre 1991-2004, o PIB nacional duplicou (LE & LE, 2000).

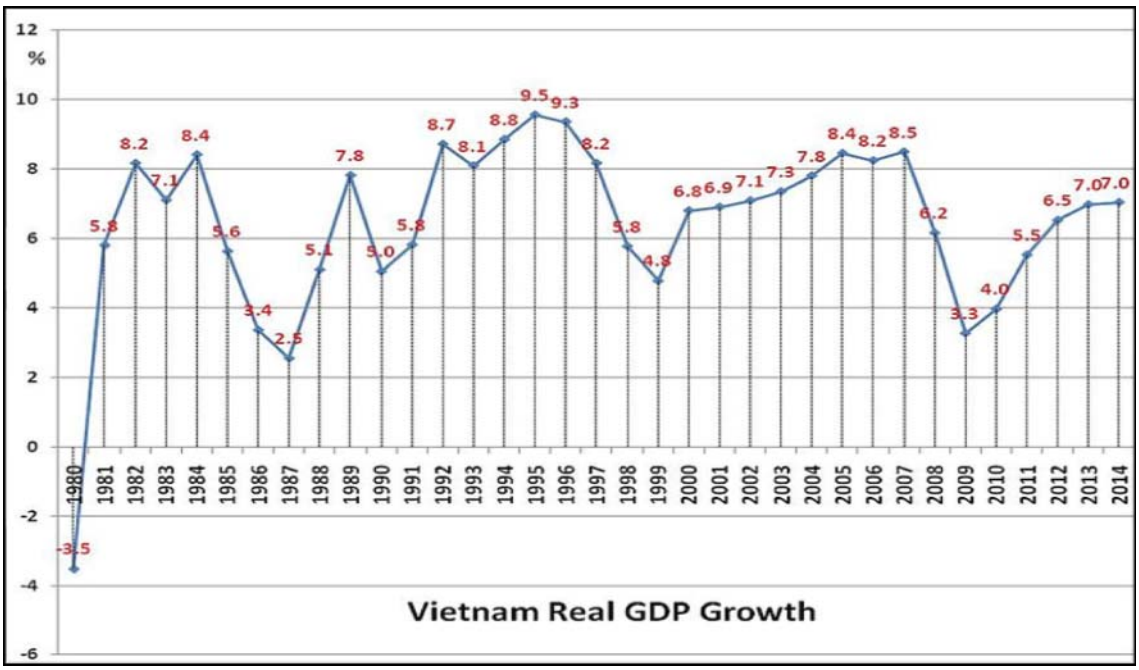

Gráfico 1. Fonte: FMI (Fundo Monetário Internacional)

Também houve uma redução gritante na inflação que passou de patamares de 380% entre 1985 e 1988, e diminui constantemente até um nível que regula com os outros países da ASEAN. Essa queda se deve especialmente ao aumento do comércio transfronteiriço, redução de investimento público nas estatais, aumento da oferta por parte das mesmas estatais devido as melhorias na "eficiência de produção" e o surgimento de novas indústrias privadas (em geral estrangeiras ou com capital estrangeiro) (LE & LE, 2000).

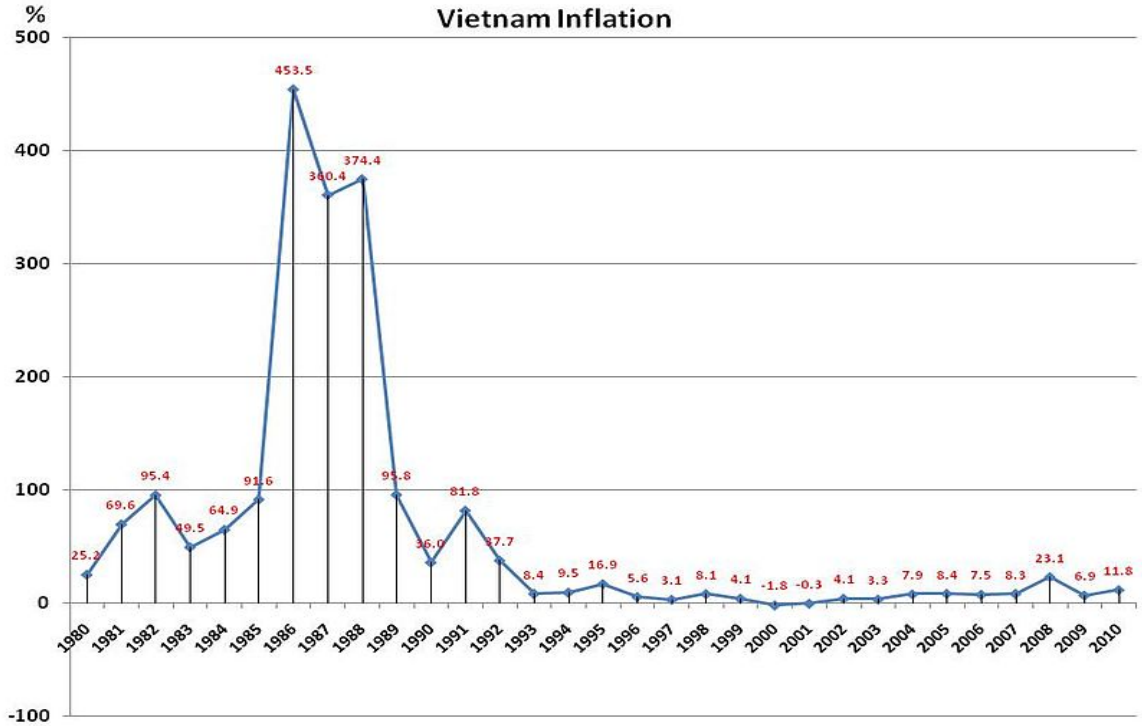

Gráfico 2. Fonte: FMI (Fundo Monetário Internacional)

Entretanto, os gastos públicos permaneceram no mesmo padrão, elevando-se em ritmo lento. No que tange as não estatais, o crescimento seguiu estável até a crise asiática (1997), momento em que o fluxo de capital estrangeiro foi severamente reduzido. Assim, desde 1998, o investimento público se tornou o principal fator de formação do capital no país. As não estatais só voltariam a aumentar sua participação nos investimentos na primeira metade dos anos 2000. Em consequência, não foi surpresa quando a participação destas no PIB aumentou, ocupando o espaço das estatais que respondiam por metade da produção industrial do país em 1996, passando para 34% em 2004 e chegando próximo de 10% em 2007. Com o constante aumento da autonomia empresarial no Vietnã, o governo elevou gradualmente os investimentos em infra-estrutura (atingindo patamares de 41% do total do orçamento) e diminuiu a parcela reservada para as estatais (de 55% em 1993 para 14% em 2000, número que teve pequenas quedas, mas segue relativamente estável desde então) (BERESFORD, 2008).

Cabe ressaltar que a queda dos investimentos do governo nas grandes estatais não significa necessariamente um abandono das mesmas. O que mudou foi a estratégia governamental, passando a incentivar a busca por Investimento Estrangeiro Direto (IED) por parte delas mesmas, através de joint-ventures. O que se notou foi um aumento substancial do fluxo de IED a partir do Doi Moi, não apenas pela abertura, mas também

por demais fatores externos como a queda a União Soviética que culminou com o fim dos embargos ocidentais ao Vietnã, tornando o país mais confiável para investidores externos; e a bolha especulativa da crise asiática que fez com que os investidores deixassem de lado a estrutura ainda precária do país e a sua burocracia. Este último fator, entretanto, também explica o motivo para que esses investimentos não fossem em áreas que estivessem dentro do planejamento estratégico de desenvolvimento do país. Hotéis e propriedades particulares foram inicialmente os principais setores beneficiados pelos IED e foi precisamente a bolha imobiliária que representou a desaceleração do investimento estrangeiro após 1996 (Masina, 2006: 78). Todavia, a principal forma de entrada de IED no Vietnã foi mesmo através das joint-ventures devido ao fato de que empresas estrangeiras não poderiam possuir terras do Estado, portanto, era latente a necessidade de parceria com as estatais que forneceriam as terras e a "segurança" de serem protegidas do governo em troca de capital externo. Ainda assim, as joint-ventures tiveram um impacto discreto sobre a economia, pois os investidores estrangeiros preferiam obter 100% das empresas estatais e, por isso, o número de empresas com parceiros estrangeiros nunca foi realmente significativo (em 2004 eram 821 joint-ventures para um total de 4.596 estatais sem participação estrangeira) (BERESFORD, 2008).

Foi praticamente nulo o comprometimento do governo vietnamita em preparar as suas grandes empresas para uma economia de mercado através de investimentos em tecnologia e maquinário. Priorizar o desenvolvimento da infra-estrutura se mostrou pouco eficaz em termos econômicos, em especial, pelo foco do PCV em reformas institucionais (abertura de mercado e autonomia das empresas) ao invés de direcionar a política industrial para promover investimento nos setores estratégicos de desenvolvimento da indústria.

3.5. A racionalidade da atual política para as empresas estatais é econômica ou política?

Devido aos demais modelos de industrialização tardia do leste asiático, a tarefa de encontrar uma racionalidade econômica na política vietnamita para as empresas estatais fica comprometida. O baixo nível de desenvolvimento dessas empresas impossibilitou que elas assumissem o papel de liderança econômica pretendido pelo governo. Muitas delas sobreviveram à recente economia de mercado devido a endividamentos e restrições orçamentais, além disso, fez com que o governo

aumentasse a sua dívida externa para manter a reforma no sistema bancário. Uma das principais alternativas foi o fechamento de empresas com baixa lucratividade. No entanto o resultado foi muito negativo para a imagem do governo, pois aumentou os níveis de desemprego para aproximadamente 13% nas áreas urbanas, sendo essa porcentagem composta prioritariamente pela população jovem, contribuindo negativamente para o aumento de problemas sociais. O quadro é ainda pior no setor rural, onde o percentual fica em cerca de 20% de desemprego (GSO, 2007).

Além dos fechamentos, as fusões de empresas pequenas à empresas mais representativas também mostrou-se uma alternativa para a debilidade do setor. Porém, também não obteve resultado significativo, uma amostra disso é que atualmente 15% da cerca de 4.100 estatais existentes no país não apresentam qualificação suficiente para atuar no mercado, segundo os critérios do próprio governo que se baseiam em volume de negócios, rentabilidade, solvência e conformidade com as leis e regulamentos, sendo que desse percentual 7% correspondem às maiores empresas estatais. Outra ação implementada por algumas estatais foi realizar negociações paralelas aquelas que lhes foram incumbidas, como o aluguel de partes das terras das empresas para outros fins ou, no caso das joint-ventures, usar seu acesso ao financiamento a juros baixos para se envolverem em atividades comerciais – novamente, não relacionadas ao seu negócio principal, mas rentável o suficiente para assegurar o reembolso fácil das dívidas. Tais atividades não apenas injetaram finanças em empresas debilitadas como também permitiu a retenção de funcionários bem acima do que era necessário para as atividades de produção reais. De maneira geral, apenas um seleto grupo de empresas estatais[3] pode ser considerado bem sucedido no cenário vietnamita.

De fato existia um fator que dificultava consideravelmente o objetivo das empresas estatais de se tornarem competitivas, a função social da empresa de cuidar do bem-estar dos funcionários. Era papel das estatais garantir a saúde, educação, segurança social, as necessidades de acolhimento das crianças, bem como o fornecimento de postos de trabalho para os filhos dos funcionários entre outras funções. Apesar de nobre, tamanho fardo não poderia ser mantido pelas estatais sem o correspondente investimento do governo e a tendência de continua abertura do mercado tornava essa tarefa ainda mais difícil. Percebendo que o planejamento inicial não poderia ser

[3] **Exemplos de empresas estatais bem sucedidas:** Baoviet (seguros), Vinacomin (mineração), VNPT (telecomunicações), Vinashin, (navegação), Vinatex (vestuário e têxtil), EVN (eletricidade), Vietnam Rubber Corporation, and Petrovietnam (petróleo).

executado, o governo gradualmente passou a assumir essas responsabilidades e abonar as empresas.

As pressões externas para a dissolução dos ideais socialistas do governo vietnamita acabaram por exigir atitudes inovadoras. A flexibilização do PCV quanto às privatizações se mostrou ineficaz, pois não havia muitos empresários estrangeiros dispostos a investir no longo prazo no país. A solução encontrada foi o incentivo às privatizações parciais, onde o Estado e o investidor "dividiriam" a administração da empresa. O resultado positivo, diminuindo as pressões externas e mantendo o controle do Estado sobre grandes estatais, mostrou a habilidade do governo em lidar com situações delicadas e certa capacidade de condução do planejamento inicial, pelo menos no aspecto de controle dos meios de produção.

Mesmo assim, até agora, os incentivos recebidos pelos diretores das empresas estatais têm sido insuficientes. Por um lado, as reformas institucionais os colocaram num "beco sem saída". Com isto quero dizer que eles tinham todo o incentivo para fazer solicitações especiais de proteção e outros privilégios no mercado vietnamita, mas o governo tinha pouco poder ou influência sobre o que eles realmente fariam devido às pressões do mercado. Eles enfrentaram um clima de investimento desfavorável e não tinham os recursos necessários para melhorar suas instalações de produção. Sem investimento, a tarefa de tornar-se competitivo, tanto em relação às mercadorias importadas ou em mercados de exportação, era quase impossível (BERESFORD, 2008).

Uma compensação ao lento progresso dos setores estatais foi o sucesso dos setores privados e de IED. No final de 2005, as empresas com capital estrangeiro empregaram mais de um milhão de trabalhadores, um aumento de 156% em relação a 2000, refletindo o aumento da confiança na região asiática subsequente aos distúrbios da década de 1990. Cresceu para 2,5 milhões o número de empregados nas empresas não-estatais domésticas – um aumento de 137% em relação a 2000 – enquanto nas empresas estatais havia crescido apenas 8% no mesmo período, atingindo o patamar de 2,2 milhões de empregados. Mais importante ainda, o setor de IED foi o setor mais dinâmico em termos de crescimento do PIB e o setor de exportação também é amplamente dominado pelas empresas com capital estrangeiro (BERESFORD, 2008).

Em suma podemos afirmar que o objetivo de transformar as empresas estatais em líderes do processo de desenvolvimento ainda não teve sucesso. E apesar das relações próximas entre governo e estatais, a racionalidade econômica esteve presente, mas sempre mitigada pelas preocupações sociais. De acordo com Melanie Beresford

(2008), o que se viu na verdade foi a esfera política se sobressair conduzindo o processo para certa forma de nepotismo, deixando aparente a necessidade de uma melhor condução da esfera econômica.

3.6. O estilo vietnamita (the Vietnam way)

A rede comercial vietnamita começou a ser forjada ainda antes das reformas serem estabelecidas. A figura dos pequenos comerciantes que possuíam a legitimidade para esse comércio primitivo, ligando o meio urbano aos pequenos agricultores, através de laços de confiança foi o primeiro passo para um sistema comercial que dificulta a distinção do "espaço" entre o setor privado e o setor estatal. Altamente interdependentes ambos os setores necessitam da participação do outro para atender as exigências do mercado. No caso do Vietnã, se uma estatal, mesmo não rentável, é fechada pelo governo, uma espécie de reação em cadeia afetará também algumas empresas privadas que utilizavam os seus produtos como insumos ou que dependem destes para suprir a demanda do mercado.

No entanto, essa complexidade comercial pode ser benéfica. O exemplo de industrialização taiwanesa na qual as estatais forneciam ou compravam insumos das milhares de pequenas firmas voltadas à exportação e com alto nível de conexões com outros mercados talvez seja o caminho mais apropriado. Por sinal, a criação de holdings estatais, na metade dos anos 2000, indica um direcionamento exatamente para esse modelo por parte do PCV. Uma rápida análise estrutural do setor empresarial vietnamita – com 105.569 empresas privadas registradas (média de emprego de 32 profissionais por empresa) em 2005, milhares de empresas familiares, e apenas 4.086 empresas estatais – sugere esta linha de abordagem como preferencial para a industrialização do país (BERESFORD, 2008).

3.7. Aspectos sociais - Conquistas na redução da pobreza desde Doi-Moi

A economia do Vietnã se recuperou com agilidade das primeiras quedas após as reformas estabelecidas. O PIB per capita do país quadruplicou na primeira década, apresentando moderada diminuição do ritmo de crescimento durante a crise asiática. A despeito do aumento da concentração de renda, a qualidade de vida geral da nação melhorou consideravelmente. Os níveis de pobreza, por exemplo, diminuíram de 58% em 1993 para 23% em 2004 (BERESFORD, 2008). As instituições governamentais

como a Assembléia Nacional passaram a encarar o bem-estar social como uma de suas prioridades e a população passou a ter mais acesso a comunicação e entretenimento.

Contudo, a distribuição dessas beneficies em território nacional não foi igualitária. Ao longo dos anos 90 e no início dos anos 2000 a diferença de renda entre as áreas urbanas e rurais cresceu consideravelmente. A relação da renda média mensal da região mais rica (a sudeste) para a região mais pobre (a noroeste) passou de 19,9 para 21,4, entre 2002 e 2004. Além disso, mesmo com a redução da pobreza, como citado acima, a estratificação social continuou em ritmo acelerado: a relação da renda média mensal dos mais ricos para a renda média mensal dos mais pobres aumentou de 8,11 para 8,34, nos mesmos dois anos (GSO, 2007).

É inegável que antes das reformas acontecerem o crescimento econômico e o aumento consequente da renda era menor, porém, a sua distribuição era mais plana (Beresford and McFarlane, 1995:50-72). A nova dinâmica econômica exige que o Estado aborde a questão da desigualdade de forma não ortodoxa. O grande desafio dessa empreitada é atingir as regiões mais necessitadas do país e, passada essa primeira etapa, direcionar essa parcela da população para o mercado de trabalho, correndo o perigo, caso não consigam, de vê-los suscetíveis a retornar aos níveis de pobreza relativa no longo prazo.

3.8. O modelo "pólo de crescimento"

O "pólo de crescimento" adotado pelo governo do Vietnã basicamente representa o investimento em microrregiões onde o PIB tem mais capacidade de crescer. No caso, as regiões escolhidas foram as das duas principais cidades: Ho Chi Minh City, antiga capital da República do Vietnã (ou Vietnã do Sul), e suas cidades vizinhas; e Hanói, atual capital da República Socialista do Vietnã, em conjunto com Haipong e Quang Ninh formando um triângulo econômico. Em 2005, por exemplo, 83% dos projetos de investimentos foram designados para essas regiões ou para a exploração de petróleo e gás em alto-mar (GSO, 2007). Enquanto isso, o desenvolvimento nas áreas rurais foi confiado em grande medida a pequenas empresas privadas com pouco investimento e baixo crescimento de produtividade.

Em sua publicação de 2008, Melanie Beresford alega que:

> Em princípio, uma redistribuição fiscal através do orçamento do Estado poderia ser usada como meio de compensar parcialmente as desigualdades

> resultantes de decisões de investimento por parte dos setores empresariais (estatais e IED). Os gastos do governo em regiões pobres deveriam ser capazes de gerar maiores taxas de crescimento, mais emprego e um processo pelo qual estas províncias poderiam começar a se desenvolver. No entanto, a redistribuição fiscal no Vietnã não era muito forte na década de 1990, a maioria das receitas do Estado foi criada dentro das áreas urbanas, que eram, por sua vez, autorizadas a gastar uma grande parte dessas receitas. Outras áreas, que arrecadavam receitas inferiores, tiveram menores orçamentos e gastos per capita. (BERESFORD, 2008) [4]

Interessante ressaltar que províncias pobres, populosas e com pouca participação no PIB, mas com posições estratégicas privilegiadas, recebiam incentivos e subsídios do PCV para aumentarem seus gastos e consumo. Ainda assim, as províncias localizadas no litoral e bem ao centro do país recebiam um montante menor do que as outras localizadas na região montanhosa do Vietnã. Os motivos vão desde questões como a defesa do país, até a integração das minorias étnicas. Entretanto, os subsídios são insuficientes para permitir províncias pobres possam se equiparar as áreas urbanas.

3.9. Formação de novas classes

A estratificação social fica evidente em todo o território vietnamita. No entanto, nas regiões ao norte o cooperativismo entre os vilarejos tem resistido à hierarquização da sociedade. Diferente dos vilarejos da região sul nos quais o distanciamento da população dos meios de produção acarreta a formação de novas classes intermediárias.

Do total de famílias que vivem no delta do Rio Mekong, o número de famílias sem-terras atingiu 25% em 2004, em comparação com 7% no delta do Rio Vermelho (Red River), e foi fortemente associada com a formação de uma classe trabalhadora de baixa renda e com alta mobilidade. No entanto, o delta do Mekong é a única região do país em que os sem-terras estão fortemente associados à pobreza. Em outras regiões, os pobres tendem a ser proprietários de terra (agricultura de subsistência), enquanto aqueles que não têm mais terras são mais propensos a se submeterem as formas mais comuns de emprego (RAVALLION e de WALLE, 2006; UNDP, 2004:38). Todavia, certamente a subordinação do trabalho ao capital não é característico apenas de regiões rurais.

[4] Tradução do autor. Texto original em: BERESFORD, Melanie. 2008:237

Imagem 3. Fonte: cruisesmekongriver.net/mekong-river-map.html

Também se revela uma maior participação feminina no mercado de trabalho, em especial nos setores de capital estrangeiro. Em contrapartida, nas empresas estatais e órgãos do governo, a participação da mulher decaiu. Em particular, os homens formam uma parcela grande e crescente de emprego nas estatais, onde, devido à menor exposição à concorrência global e às visões menos conservadoras das capacidades do sexo oposto, o assistencialismo do sistema de planejamento central é mais persistente. Os homens também predominam nas áreas de mão-de-obra qualificada.

Melanie Beresford, conclui que:

> "O aumento da desigualdade estrutural ao longo das classes (e gênero) não implica no aumento da miséria. Na verdade implica que a desigualdade no Vietnã é cada vez mais baseada em novos mecanismos de acumulação de capital em que o controle sobre os meios de produção - seja indiretamente, por meio da gestão dos ativos estatais, incluindo a terra, ou diretamente através da propriedade privada - está restrito a uma pequena proporção da

população, enquanto fortes mecanismos de redistribuição estão ausentes." (BERESFORD, 2008) [5]

3.10. Os vencedores e os perdedores no novo mecanismo

Com a nova economia de mercado implementada no país, aqueles que conseguiram melhor se adaptar a essa dinâmica inovadora foram beneficiados. Alguns grupos que ao menos alcançaram estabilidade de empregos e crescimentos de renda são facilmente detectados.

(1) Joint-ventures que já possuíam experiência em outros mercados possibilitaram que trabalhadores e diretores sofisticassem suas técnicas e conhecimentos sobre o ambiente de mercado;

(2) Empresas estatais (em especial, as holdings) que tiveram maior proteção e assistencialismo do Estado contra os efeitos da reestruturação econômica;

(3) Pessoas que tiveram a sensibilidade e o poder de privatizar recursos que antes eram subutilizados ou não utilizados pelo setor público. Alguns exemplos são: a conversão de áreas pantanosas no litoral em áreas de aquicultura e a utilização de habilidades adquiridas para ganho próprio, como aulas particulares e cuidados de saúde privados por parte de ex-funcionários públicos da saúde;

(4) O novo sistema de mercado diminuiu um pouco o espaço para o nepotismo, mas acelerou o crescimento da corrupção;

(5) Indústrias orientadas para exportação que abriram inúmeras vagas de emprego e, em especial, a indústria de vestuário que iniciou muitas mulheres no mercado de trabalho;

(6) Pequenas empresas familiares rurais que conseguiram se integrar ao mercado global ou mesmo nacional. Normalmente essa conexão se deu através de pequenos comerciantes que faziam a intermediação entre o campo e a cidade.

Em contrapartida muitos grupos continuaram sem receber apoio do governo. Alguns deles por motivos técnicos e geográficos (como reduzido acesso a infra-estrutura de qualidade), mas a grande maioria foi por motivos políticos. Basicamente pode-se afirmar que as ações governamentais eram hierarquizadas de acordo com o poder político do solicitante ou necessitado. Cidades ou empresas que eram mais lucrativas, que empregavam maior número de trabalhadores ou até mesmo que

[5] Tradução do autor. Texto original em: BERESFORD, Melanie. 2008:238

possuíam vínculos subjetivos com membros do PCV (não esquecendo a corrupção e o nepotismo) tinham a preferência no momento de investir. Além disso, o orçamento central do Estado não é redistributivo e tampouco as reformas descentralizadoras foram postas em prática. (BERESFORD, 2003; 2005)

Nem mesmo o mecanismo de gerencia chamado "Decreto da Democracia de Base", promulgado em 1998, que seria canal para a população monitorar e dar o feedback que achasse mais adequado quanto as atividades das autoridades locais foi devidamente implantado.

Todavia, nenhum grupo foi mais afetado negativamente do que as mulheres vietnamitas que além de perderem espaço no mercado de trabalho viram o seu esforço, até então bem-sucedido, de almejar uma sociedade mais igualitária ser contido e até mesmo retrocedido. Historicamente o sexo feminino sempre esteve em desvantagem perante os homens devido ao menor tempo disponível para trabalhar (devido aos afazeres domésticos), falta de oportunidades educacionais (em média, elas deixam a escola mais cedo do que os homens) e a falta de acesso ao tipo de informação que circula nas "redes masculinas". As possibilidades que se abriram para elas pelo sistema socialista desapareceram com o início das reformas do mercado e as obrigou a voltarem para o setor doméstico, em especial as mulheres do meio rural.

3.11. Conclusão Doi Moi

Esta sessão se propôs a apresentar e esclarecer o programa de abertura comercial do Vietnã chamado Doi-Moi. Dentre os objetivos pré-estabelecidos pelo governo, podemos distinguir os resultados e a efetividade das reformas em duas grandes áreas:

Na área econômico-empresarial mesmo com a abertura de mercado, o PCV definiu como meta o estabelecimento de grandes empresas estatais como "guias econômicos", partindo do princípio que a livre concorrência incentivaria a inovação e o desenvolvimento dessas empresas. No entanto, o sucateamento de representativo número dessas empresas e a impossibilidade de manutenção dos investimentos públicos demonstraram a dificuldade do governo planejar e gerenciar as consequências das reformas econômicas.

Ainda assim, o país teve o seu PIB duplicado na primeira década e em contínuo crescimento nas décadas posteriores. A entrada de capital estrangeiro no mercado interno e o surgimento de um setor privado nacional propiciaram esse aumento, porém,

tornou o setor empresarial e econômico altamente dependente dos IED's e das exportações, além de também fazer com que o governo ficasse mais suscetível a determinadas pressões externas. Segundo Le & Le (2000), porém, mesmo com as vulnerabilidades expostas, sem as reformas estabelecidas não seria possível alcançar os mesmos níveis de crescimento do PIB, conforme mostra o gráfico a seguir:

Figure 6 GDP with and without Doi Moi

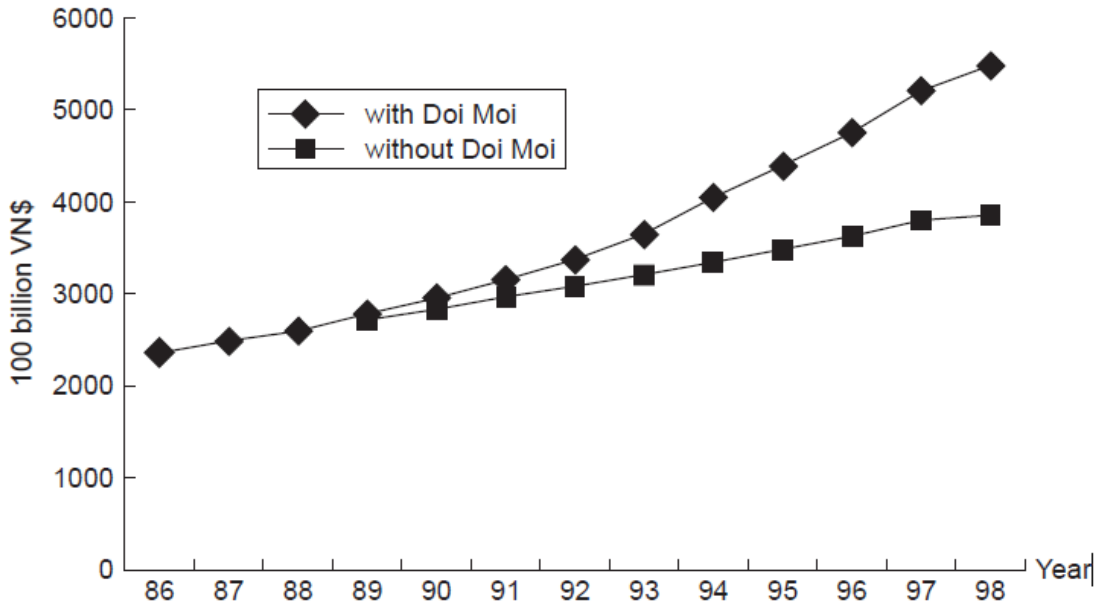

Gráfico 3. Fonte: LE & LE. 2000:330

As reformas institucionais ocuparam a agenda governista demasiadamente mais do que a necessidade de industrialização e valorização do produto nacional. O governo necessita de habilidade para lidar com as constantes mudanças conjunturais a que são colocados. Em termos unicamente econômicos, é inegável o argumento de que o país cresceu, contudo, uma análise mais detalhada demonstra que os meios para alcançar foram discrepantes em relação às metas almejadas pelo PCV.

Na área social, novamente o intuito do governo vietnamita de criar uma sociedade igualitária e civilizada não foi, até então, completamente exitoso. De forma semelhante ao ocorrido no setor econômico-empresarial, forças externas e internas compilaram para a mudança de rumo dos planos governamentais. O acesso da população à oportunidades de trabalho aumentou em conjunto com o número de habitantes de áreas rurais. Os percentuais de pobreza no país também apresentaram queda, o que representa um ponto notável em favor do Estado. Todavia, o preço pago para tanto foi caro. Houve aumento na disparidade de renda e qualidade de vida entre o

meio rural e o urbano, também houve o mesmo efeito em relação às regiões mais pobres e as mais ricas do país. A concentração de renda e oportunidades de investimento recaíram sobre uma elite empresarial que ou é detentora dos meios de produção mais sofisticados ou tem laços próximos com os representantes do governo. Novas classes sociais (classe média pouco monetarizada e pequenas empresas familiares) foram adicionadas a estrutura já existente em decorrência da nova dinâmica de mercado, o que vem perpetuando a vulnerabilidade de certos grupos de menor renda aos impactos da incapacidade do Estado de "manter as rédeas" da economia. Gradualmente os parâmetros socialistas de governança vão sendo abandonados, não no que se refere ao macro da política do Vietnã, mas sim em relação à distribuição das melhorias e realocação de recursos.

4.0. CENÁRIOS PARA A INTEGRAÇÃO REGIONAL DO VIETNÃ

4.1. Introdução

Esta sessão apresentará possíveis cenários de inserção regional do Vietnã baseados na atual conjuntura e situação nos âmbitos nacional, regional e internacional nos quais o país esta estabelecido. Nesse exercício pretende-se utilizar o conhecimento adquirido através das análises feitas nos capítulos anteriores, contribuindo para a formulação de uma resposta para a pergunta: para onde vai o Vietnã? No término do capítulo, apresenta-se a respectiva conclusão e projetam-se algumas alternativas que estariam em consonância com os cenários apresentados a seguir.

Neste trabalho utiliza-se o uso de cenários como ferramenta metodológica. Sua construção expressa tão somente uma tipologia, ainda que projetada no futuro - Timothy Junio e Thomas Mahnken chegam a dizer que cenários são contra factuais no de vir. Em outras palavras, do mesmo modo que Weber traça tipos puros ideias para interpretar as sociedades no passado, sem pretender efetuar a descrição da evolução empírica da sociedade (o que por certo também o faz em outros trabalhos), os cenários descrevem alternativas de futuro que não tem a pretensão de antecipá-lo. Trata-se, apenas, de criar uma ferramenta útil para avaliar em que direção o país em tela esta indo, bem como estipular os indicadores (JUNIO e MAHNKEN, 2013:375ss).

Além disso, a abordagem permite que o pesquisador, a par dos indicadores, identifique os principais processos dos quais depende a trajetória do estudo de caso, estes processos são genericamente denominados variáveis. De acordo com Junio e Mahnken, estas variáveis podem ter diversas direções, tanto ser independentes, intervenientes ou interativas, dependendo do critério do interesse do pesquisador. O que importa é que as variáveis permitem a modelagem de cenários que, por sua vez, na ausência de uma teoria ou modelo analítico próprio, que só raramente são disponíveis no caso de estudos sobre PES de países em vias de desenvolvimento, fazem as vezes de modelo explicativo coerente (JUNIO e MAHNKEN, 2013:380).

Trata-se de um método despretensioso que permite relacionar política interna e externa e estabelecer nexos entre sociedade, economia, instituições e segurança. Além disso, observa-se que as abordagens de cenários dão espaço para o leitor extrair suas próprias conclusões ou, ainda, refazer a pesquisa com outro percurso de independência baseado em outras variáveis. Em qualquer caso assume-se que as representações

realizadas são contemporâneas e datadas: trata-se de um repositório de saber contingente a situação.

Os cenários foram desenhados fazendo-se o uso de indicadores e variáveis. Em termos simples, como referido, as variáveis são aqui entendidas como processos, isto é, um conjunto de eventos que tem como ponto de partida um fato determinado (indicador). Por outro lado, os indicadores são, justamente, eventos ocorridos, ou projetados no futuro que definem o encaminhamento predizível de eventos que constituem um processo, isto é, uma variável.

A seguir, descrevem-se as variáveis e indicadores que foram selecionados para a modelagem dos cenários. Na continuidade, foram constituídos três cenários; baseados no melhor caso (the best case), o intermediário (intermediary) e o pior caso (the wrost case). Para efeitos desse trabalho, assumiu-se que a aproximação com a China representa o melhor cenário, que o ingresso do Vietnã na parceria Trans-pacífico índica o cenário intermediário, por fim, que uma Primavera Vietnamita tipifica o desdobramento mais negativo. Como conclusão desse capítulo formula-se a pergunta, para onde vai o Vietnã? Sem, naturalmente, ter a pretensão de dar uma resposta cabal, mas é onde se faz o balanço dos cenários.

4.2. Situação, variáveis e indicadores selecionados

4.2.1. Análise da Situação Mundial

A crise do teto da dívida pública nos EUA, ocorrida em paralelo com a crise Síria, colocou a Presidência e o Congresso daquele país em um confronto aberto e inédito – considerados suas possíveis implicações para a própria hegemonia estadunidense. Ela trouxe consigo três principais desdobramentos: (1) A détente com o Irã; (2) o ativismo da Presidência dos EUA pelo TPP. (3) A omissão em relação ao ingresso da Ucrânia na UE através de uma união aduaneira. Todos estes episódios importam para se entender a situação atual do Vietnã. O TPP é, claramente, o braço econômico da política de "rebalanceamento" da China na Ásia, neste sentido complementa o acordo EUA/UE de livre comércio. Contudo, a "retirada" da Europa Leste e do Oriente Médio exigem atenção, pois prenunciam desdobramentos militares, no caso no deslocamento das forças estadunidenses estacionadas no exterior.

A détente com Irã deu-se a um custo considerável, os EUA contrariaram aliados tradicionais como Arábia Saudita e Israel, além de perderem posições no Iraque e no Egito. Sem falar que a détente marca, ao menos por enquanto, a vitória do Irã em sua

competição estratégica com os EUA. O fato ganha relevo se considerar-se que hoje a região é palco de uma guerra civil que opõe xiitas e sunitas, estes últimos aliados dos EUA. Atualmente são poucos os que duvidam de uma solução militar para crise na Síria, só que ela será favorável ao governo Assad.

A guerra civil na Síria e no Iraque tornou-se uma só: tropas iraquianas já lutam em território sírio. Compreender que se trata de uma guerra civil entre sunitas e os outros credos é essencial para situar a região em um novo umbral. Ademais, torna-se impossível valorizar a importância do giro estadunidense em relação à Arábia Saudita e o Irã. À primeira vista, o Irã trocou o programa nuclear pela efetivação do arco xiita. Até o presente, isso era mera ficção, posto que o governo iraquiano era xiita, pró-estadunidense e anti-Irã. A gravidade da luta armada do Iraque em 2013 parece ter alterado esse panorama drasticamente, inexistindo motivos para deixar de supor que a assistência iraniana aos xiitas do Iraque é menor do que a prestada à Síria. Importa, para outras pesquisas, saber se não é justamente esse o motivo do giro estadunidense (reaproximação com o Irã). Ademais, contar com o Irã pode ser essencial para neutralizar o Paquistão, aliado da China, e aliviar a Índia em sua fronteira oeste. Mais que deslocar/liberar tropas do Oriente Médio, a perspectiva do Irã neutralizar o Paquistão é o que parece justificar o alto custo da política estadunidense em relação ao Oriente Médio e Europa Leste.

Sobre esta última cumpre recordar que os EUA omitiram-se do acordo de união aduaneira entre a UE e a Ucrânia. Firmado, foi denunciado dois dias depois de ser assinado, acredita-se que por pressão da Rússia. A UE protestou veementemente, o governo da Ucrânia negou as pressões e os russos, obviamente, nada disseram. O ingresso da Ucrânia na UE (indireto, via união aduaneira) seria o corolário do isolamento da Rússia da Europa posto em marcha ainda em 1991 com as guerras na Iugoslávia. A adesão da Ucrânia à União Europeia, causaria prejuízos irreparáveis para os interesses russos no Mar Negro e à ideia de uma zona do rublo, esteio relevante da pretensão de converter essa divisa em moeda de reserva internacional. Mais grave, contudo, seria a perspectiva de que com ingresso deste país à OTAN o escudo antimíssil fosse estendido praticamente para dentro do território da Rússia.

A détente com o Irã e a indiferença em relação à Europa Leste (a antes celebrada "nova Europa"), associados, ainda, ao ativismo da Presidência dos EUA pelo TPP, carregam entre seus objetivos o mesmo propósito: o isolamento da China. O "rebalanceamento da China" anunciado por Obama em Darwin (Austrália) ainda em

novembro de 2011 começa assumir um contorno mais claro e grave. Na ocasião o Presidente dos EUA inaugurou uma base que sediará 2.500 fuzileiros navais no país. Embora o efetivo fosse completar-se apenas em 2016 tratou-se apenas um aspecto de um plano mais amplo de deslocar para o Pacífico 60% de sua frota naval e parte considerável das tropas terrestres estacionado além fronteiras. Em 2010 este efetivo militar (207.200) encontrava-se, em sua maioria, no Oriente Médio (GUNZINGER, 2011:13). Essa ação está inserida dentro da política estadunidense de Século Americano para o Pacífico (CLINTON, 2011). Talvez sirva como explicação adicional (além da economia) para explicar porque os EUA adotaram a détente com o Irã e o silêncio olímpico em relação à Ucrânia.

Darwin foi o prenúncio da nova doutrina militar dos EUA para Ásia, então ainda em gestação, ela só seria assumida pelo pentágono em janeiro de 2013, a "Garantia de Acesso Combinado", mais conhecida como JOAC, devido às suas iniciais em inglês (USA, 2013)[6]. A JOAC ainda é uma formulação de transição que traduz o consenso possível entre os planejadores estadunidenses divididos entre a Air Sea Battle e o Off Shore Control. Em termos operacionais a divergência pode ser resumida em saber se a batalha da China se dará em torno do estreito de Taiwan (Air Sea Battle) ou se no Mar do Sul da China (Off Shore Control), ao longo do litoral do Vietnã.

Embora o debate da JOAC e da batalha da China pareça esotérico, dada a interdependência entre os dois países, permanecendo restrito a uns poucos iniciados em torno de temas de estratégia operacional de guerra no mar, o discurso de Darwin, por outro lado, parece ter produzido efeitos práticos.

Em setembro de 2012 as manifestações anti-japonesas na China provocaram nos meses subsequentes, simultaneamente, a mudança de governo na China e no Japão. Em novembro de 2012, após vencer o 18 º Congresso do PCCh (o que pode ser verificado facilmente pelas resoluções), o "Partido da Harmonia" de Hu Jintao, perdeu a eleição para o Comitê Permanente do Politburo, que assumiu uma composição predominantemente conservadora. No mês seguinte, em dezembro, caiu o governo reformista do PDJ no Japão. O novo Primeiro-Ministro, Shinzo Abe, do conservador PLD, assumiu com um claro discurso de afastamento da China. Cavalgando o que parecia ser uma drástica mudança de situação, criada pelo discurso de Darwin e a queda do governo japonês, em maio de 2013 o Ministro de Defesa da Índia afirma que enviará

[6] **JOAC –** Joint Operational Acess Concept. Formulção ofical mais ampla de oposição às capacidades A2/AD da China até o presente. Neste trabalho foi tradzido como "Garantia de Acesso Combinado".

a frota para defender os interesses do Vietnã no Mar do Sul da China. Foi então que se deu a inesperada aproximação entre China e Vietnã que em junho de 2013 firmam uma parceria estratégica assinando mais de 10 acordos de cooperação. A reviravolta na posição vietnamita tem um impacto mundial: permitiu que, a despeito da maioria conservadora no Comitê Permanente, o discurso chinês se mantivesse brando. Em Setembro de 2013, Xi Jinping lança a ideia dos cinturões de prosperidade na Nova Rota da Seda, demonstrando que pretende disputar a hegemonia da Ásia com os EUA no terreno das estratégias de desenvolvimento socioeconômico. Foi então que os EUA assumiram um ativismo pela aprovação do TPP, seu significado para a disputa dos países da ASEAN pode ser ilustrado pelo fato de que em outubro de 2013 o Vietnã viu-se pressionado simultaneamente a assinar o TPP pelos EUA e recebeu a visita do Primeiro-Ministro chinês Li Kequiang. Desse modo o Vietnã deu uma contribuição decisiva na modelagem da resposta chinesa.

4.2.2. A reação da China à Parceria Transpacífico (TPP)

Decorrido um período inicial em que a China oscilou entre o silêncio e a ambiguidade (pode ter tentado integrá-la), a China moveu-se de forma decidida contra a TPP, inicialmente criada por Chile, Brunei, Cingapura e Nova Zelândia (os EUA só aderiram em 2009, ainda assim, apenas como membro observador). Li Kequiang e Xi Jinping fizeram um périplo de viagens que incluiu Indonésia (Cúpula da APEC, 02/10/2013), Tailândia (11/10/2013), Vietnã (14/10/2013) e Brunei (Cúpula da ASEAN, 09/10/2013). Ele complementa um anterior, realizado no âmbito da Ásia Central, no período de 03 e 13 de Setembro de 2013, que após visitas de Xi Jiping ao Turcomenistão, Cazaquistão e Uzbequistão, culminou com a participação dele na Cúpula da OCX realizada no Quirguistão.

Dois aspectos devem ser salientados no discurso de Xi Jiping em Bishkek: (1) A China assumiu para si a ideia da Nova Rota da Seda – antes era mais defendida por think thanks[7] estadunidenses e pelo Asia Development Bank (ADB)[8], que por qualquer

---

[7] **Think Thanks** – São organizações ou instituições que atuam no campo dos grupos de interesse, produzindo e difundindo conhecimentos assuntos estratégicos, com vistas a influenciar transformações sociais, políticas, econômicas ou científicas. Na defesa da Nova Rota da Seda pode-se destacar Anthony H. Cordesman do Center for Strategic and International Studies (CSIS).

[8] **Asia Development Bank –** Banco regional de desenvolvimento (fomento e investimento) criado em 22 de agosto de 1966 para facilitar o desenvolvimento econômico dos países da Ásia. O ADB foi criado dentro dos moldes do Banco Mundial, o peso de cada voto é proporcional à subscrição de capital dos

governo. (2) A ideia de que a rota da seda não é apenas um caminho de passagem, mas que sua própria viabilidade depende de "cinturões da prosperidade".

Contudo, o discurso da Cúpula da ASEAN traz um elemento novo em relação ao proferido na Cúpula da OCX (Quirguistão), que também pode ser resumido em dois aspectos: (1) Ji Jinping e Li Kequiang destacaram em todos os países em que estiveram o papel atual da China em seu comércio exterior e sua projeção futura (apenas com a Indonésia, o intercâmbio bilateral, que hoje é de 52 bilhões USD, chegaria a 100 bilhões); (2) que "nenhum acordo na Ásia deve excluir a China" (caso do TPP).

O que os dois discursos (Quirquistão e Brunei) têm em comum? A ideia da Rota da Seda e dos Cinturões de Prosperidade como uma forma de unir comércio, segurança nacional e humana em duas versões: a rota da seda terrestre (Ásia Central) e marítima (Mar do Sul da China).

No caso da diplomacia chinesa ter sido eficaz, e os países da ASEAN, ao menos alguns dos mais relevantes (e.g.: Indonésia) recusarem o TPP, toda a ideia de articular um braço econômico e político do "balanceamento da China" fica seriamente comprometida. O Vietnã encontra-se no centro desta equação, influencia a ASEAN, e tem, por sua posição geográfica, um papel decisivo em qualquer estratégia estadunidense de "balanceamento" da China, seja na Forma do Off Shore Control ou, mesmo da Air Sea battle.

4.2.3. Situação no Vietnã

O Vietnã passa hoje por uma transição de situação. Ao assinar acordos estratégicos com a China, Tailândia e Indonésia, parece se colocar no sentido de se aproximar da ASEAN e da China. Dessa maneira, é deixada de lado a tendência de se alinhar com outras potências, especialmente Estados Unidos, Rússia, Índia e Japão, para se contrapor à China. O Vietnã parece ter compreendido que para se inserir na região é necessário o aval chinês. Isso de maneira alguma afasta o Vietnã das outras potências: sua parceria com a Rússia ainda é fundamental e logo após visitar a China, o presidente Truong foi aos Estados Unidos. Mas demonstra uma tendência de afirmar-se como pólo autônomo, favorável à integração regional no âmbito da ASEAN.

Como resposta a esses acordos, parece estar se formando um novo eixo estratégico na região, formado por Filipinas, Japão e Estados Unidos. As Filipinas

---

membros. Os EUA e o Japão detém 12,78% do capital acionário cada, a China 5,45%, a Índia 5,36%. O ADB conta hoje com 67 membros, dos quais 48 são da Ásia Pacífico e 19 de fora da região.

declararam sua disposição de abrir bases militares para uso do Japão e dos Estados Unidos e na mesma semana realizaram exercícios conjuntos no Mar do Sul da China. O Livro Branco do Japão, publicado poucas semanas depois, coloca a China como uma das principais preocupações securitárias do país. Esses fatos, associados ao retorno americano para o Pacífico, fortalecem a tendência de uma competição estratégica entre Estados Unidos e China. Mas a ASEAN, ao invés de se colocar simplesmente ao lado da China nessa balança, parece estar consolidando sua posição de bloco sólido e autônomo, entre os dois pólos da disputa.

Porém, essa nova aproximação com a China propiciou uma reação interna, uma vez que o povo vietnamita a vê como uma posição submissa frente aos chineses. Assim, estão intensificando-se as manifestações anti-China, o que vem sendo reverberado nos blogs. Neste sentido, ocorre também uma maior contestação ao partido, afetando sua legitimidade.

4.3. Quadro resumo

A partir do exposto acima, foi elaborado um quadro que sintetiza como se comportam as variáveis selecionadas dentro dos cenários de integração regional estabelecidos e que serão analisados a seguir:

CENÁRIOS: RESUMO

Variáveis/Cenários	C1: Melhor	C2: Intermediário	C3: Pior
Transição econômica	+	-	-
Transição política	+	-	-
Inserção econômica internacional	+	+ e -	-
Relação EUA e China	+ e -	+ e -	-
Relação Japão e EUA	-	+	+
Legenda: (+) Incidência Positiva. (-) Incidência Negativa			

Tabela 1

4.4. Cenário 1: Aproximação com a China

A aproximação com a China teria como objetivo angariar o apoio chinês ao projeto vietnamita de constituir-se como pólo dentro da ASEAN. Essa aproximação se daria por meio da Regional Comprehensive Economic Partnership (RCEP). A RCEP constituirá uma área de livre comércio que abrangerá 40% do comércio mundial,

entretanto, ela prevê dispositivos para proteção das economias locais, o que facilitará a adesão de países menos desenvolvidos e preservará o papel do Estado como principal agente na gestão do bloco (HIEBERT, 2012). A ASEAN tomada em conjunto representaria um grande bloco consumidor para as exportações vietnamitas, e serviria para criar uma opção entre os mercados consumidores da própria China e dos EUA, que hoje são os principais importadores dos produtos vietnamitas. Deste modo, a transição econômica do país seria beneficiada, o Vietnã poderia gradualmente expandir sua pauta de exportações dentro do mercado da ASEAN, e, politicamente, poderia gradualmente acarretar nas mudanças estruturais sem que o Estado perca seu protagonismo.

A factibilidade deste cenário está diretamente vinculado com a disputa entre as duas alas do Partido Comunista Vietnamita. A despeito destas estarem sobretudo ligadas a redes de patronagem e clientelismo, pode-se perceber diferenças entre as concepções políticas de ambas. A primeira ala, mais reformista, estaria disposta a melhorar os laços com a China, além de resolver internamente a questão da propriedade privada no campo. Já a outra ala possuiria um conteúdo mais conservador, estando mais disposta a refrear uma aproximação com a China, além de manter a estrutura da posse de terra no campo. Atualmente, entre os três principais cargos executivos do país, dois estariam ligados à ala reformista, o Primeiro-ministro Nguyen Tan Dung e o Secretário Geral do Partido Nguyen Phu Trọng, já o Presidente Truong Tan Sang é ligado à ala conservadora (VUVING, 2012). Importante ainda notar que a população tem se sublevado tanto contra a posse estatal da terra quanto contra a aproximação com a China, pois esta aproximação é vista como uma submissão aos chineses, devido, sobretudo, às disputas em torno das ilhas no Mar do Sul da China.

Em Maio de 2013, o Ministro da Defesa da Índia (Jitendra Singh) manifestou que seu país poderia intervir nas disputas territoriais do Mar do Sul da China em favor do Vietnã (KAPILA, 2013). Esta declaração resultou num esforço de aproximação entre China e Vietnã que culminou na assinatura do plano conjunto de cooperação estratégica e outros nove acordos de cooperação específicos (VOVWORLD, 2013).

A aproximação com a China poderia significar o fortalecimento da ala mais reformista do PCV, que a partir disso teria margem para a introdução de um programa de reformas econômicas. Internamente, esta reforma tomaria corpo na forma de uma nova Lei de Terras, transferindo a propriedade rural para o próprio camponês. Podendo gerar, assim, uma melhor produtividade no campo.

Externamente, a adesão do Vietnã à RCEP expandiria as possibilidades de mercado para outras economias como Coreia do Sul, Japão e China. Não se restringindo apenas a exportação de produtos industrializados, mas também a importação de bens de capital que estimulariam o desenvolvimento do parque industrial.

Estas mudanças econômicas aumentariam a renda média da população, auxiliando, assim, a realização de uma espécie de NEP[9] e conduzindo o estabelecimento de um capitalismo politicamente orientado. Além disso, o fortalecimento de uma classe média urbana e o surgimento de uma classe média rural poderia acarretar numa pressão interna ao PCV para a realização de reformas políticas, especialmente no que tange os direitos individuais.

No que concerne a variável da relação entre Japão e Estados Unidos, a aproximação da RSV não seria vista com bons olhos. Ambos os países concorrem, por assim dizer, com a China pelo "recrutamento" do Vietnã para seu bloco de aliados. Dessa forma, a reação dessa aproximação seria uma investida diplomática para pressionar o Vietnã a aderir ao TPP. Ao passo que a variável correspondente a relação EUA e China pode ter tanto viés positivo devido a manutenção das relações com os americanos e estreitamento com os chineses, quanto pode ter viés negativo caso a aproximação à China cause um desequilíbrio de influencia no país, fazendo os EUA retroceder nas negociações com os vietnamitas e possivelmente tomando outras medidas para o balanceamento da força chinesa na região.

4.5. Cenário 2 e a possível entrada do Vietnã na Parceria Trans-Pacífico

Criada em 2005, a Parceria Trans-Pacífico (TPP pela sigla em inglês) é uma área de livre comércio que privilegia a atuação dos setores privados na economia (USA, 2011). Fortemente criticada em vários países pela possível formação oligopólios, pelo alto nível de segredo no que tange as negociações, pelas cláusulas controversas dos "drafts" que vazaram para o público e pelo distanciamento do Estado que acarretaria essa elitização do comércio internacional (TPPINFO, 2013).

Mesmo sob tais desconfianças, o TPP parece atrair a interesse de muitas nações ao redor do mundo. Originalmente seus membros eram Brunei, Chile, Nova Zelândia e Cingapura, ou seja, países com grande histórico de liberalização e que se beneficiariam

[9] **NEP -** É a sigla para a Nova Política Econômica que seguida na União Soviética após o fim do comunismo na guerra de 1921 e com a ascensão ao poder de Stalin, em 1928. A NEP era baseada nas pequenas explorações agrícolas, industriais e comerciais à iniciativa privada, para fazer com que União Soviética saísse da crise em que se encontrava.

com a ampliação da parceria. A partir do início das negociações norte americanas para a adesão ao bloco, em 2008, outros países também passaram a discutir os termos de suas adesões, entre eles temos o Vietnã, a Austrália, o Peru, a Malásia, o México, o Canadá e o Japão. Além disso, outro grupo de países oficialmente demonstrou interesse e passou a integrar uma lista de observadores, dentre estes países vemos Taiwan, Filipinas, Laos, Colômbia, Costa Rica, Indonésia, Bangladesh, Coreia do Sul e Índia (TPPINFO, 2013).

Orientando sua economia para a expansão do setor privado, consequentemente renderia para o Vietnã um crescimento econômico considerável e podendo também favorecer o estabelecimento de uma classe média urbana mais consumidora devido ao grande aumento de oferta que ocorreria no país e ao aumento de exportações de produtos de maior valor agregado. Entretanto, como já evidenciamos nos capítulos anteriores, a realocação desse incremento de recursos provavelmente não seria implementado de forma horizontal. Assim sendo, as grandes corporações, desejosas de manter as suas vantagens comparativas frente às novas economias que se juntam ao seu nicho de mercado, pressionariam o governo para que houvesse a manutenção dos preços das commodities. Sendo interessante para eles, então, a continuidade das estruturas econômicas e políticas do país, afinal, eles seriam detentores de grande influência dentro do cenário nacional. A maior inserção no comércio internacional teria como preço a diminuição da autonomia governamental e provável elitização industrial, sem falar nos aspectos sociais, como o agravamento das desigualdades sociais, especialmente entre áreas urbanas e rurais.

Por ter papel central na estratégia de contenção da influência chinesa na região, a adesão ao TPP invariavelmente aproximaria o Vietnã dos Estados Unidos em termos econômicos e políticos. Todavia, não necessariamente afastaria os chineses, pois os recentes acordos firmados com a China e o comportamento do país especialmente dentro da ASEAN demonstram que o Vietnã assumiria um papel de unidade autônoma dentro das disputas estratégicas entre Estados Unidos e China. Utilizando sua posição privilegiada como forma de barganha diplomática.

Os japoneses, por sua vez, também estão inclinados a aderir ao bloco como forma de perpetuar a sua posição de pólo econômico do leste asiático. As grandes corporações japonesas possuem vantagem comparativa em vários setores de alta-tecnologia e, aumentando seu leque de mercados livres aos seus produtos, teriam capacidade de assumir o posto de bastião do TPP.

4.6. Cenário 3 e a possível eclosão de uma Primavera Vietnamita

Importante ressaltar que este cenário não é excludente do cenário anterior, podendo ser, inclusive, complementar. Com as corporações vietnamitas desejando manter os preços baixos para obter vantagens comparativas internacionais, os camponeses buscariam mais terras para a sua produção. A pressão interna dada pela reforma da Lei de Terras se unificaria com os protestos anti-China que ocorrem sistematicamente no país, provocando a eclosão da Primavera Vietnamita.

Representando o pior cenário para o país, a Primavera Vietnamita acarretaria então no afastamento em relação à China e, consequentemente, no que tange a política interna, diminuiria drasticamente o poder da ala reformista. Assim, a ala conservadora se tornaria hegemônica, sem promover as reformas no campo.

Essa mobilização poderia ter uma incitação externa, já que algumas potências como os Estados Unidos têm uma política declarada de promoção da democracia e direitos humanos. Porém, um distanciamento da China provocaria uma volta para as alianças que tem por objetivo balancear a sua influência no país e na região, indo ao encontro do planejamento estratégico dos norte americanos.

É razoável esperar, contudo, que a China intervenha no conflito. Como o histórico vietnamita demonstra, os chineses costumam manter os seus interesses na região através de intervenções militares. Os motivos para tal poderiam ser tanto de cunho estratégico como econômico, devido ao grande número de investimentos realizados no Vietnã que se perderiam através do levante popular.

4.7. Conclusão: Para onde vai o Vietnã?

A partir dessa análise, é possível concluir que o Vietnã é muito importante para as relações do Leste Asiático. Essa importância se dá principalmente pelo seu uso como linha de abordagem[10] para o domínio do resto da região. Sua história mostra exemplos de como isso foi feito, tanto pela China, para salvaguardar sua costa, quanto por outras potências tentando se firmar na região ou nela obter influência. Hoje, o país é

[10] Por **linha de abordagem** entende-se os pontos que dão acesso a um país, ou mesmo a uma região, no sentido logístico. Nesse sentido, o Vietnã é a chave para a progressão no sentido China-Sudeste Asiático quanto no sentido oposto.

fundamental na balança securitária regional, tendo a grande maioria de seus sistemas militares vindos de outros países.

Porém, não apenas como uma "Parte de um Centro Imperial" o Vietnã tem importância. O país tem os maiores efetivos militares da região, porém seu perfil de forças aponta um caráter eminentemente defensivo. Notamos que ele vem desenvolvendo algumas tecnologias de ponta, como satélites, e tem potencial para expandir esse desenvolvimento. Mas o país parece adquirir uma maior proeminência quando entendido dentro do âmbito da ASEAN. Essa possui um potencial econômico que a possibilitaria tornar-se um pólo econômico, caso a integração se aprofundasse. Essa perspectiva parece estar se concretizando, principalmente na esfera da infra-estrutura física. Essa maior integração poderia conformar uma relação maior com os outros países da Indochina, que é uma ideia alimentada há muito tempo, e que ainda tem força em alguns setores do país. Também os últimos acordos com a China parecem estar confirmando a hipótese de maior integração com a ASEAN, pois parece estar claro que uma integração da região depende, em última instância, do consentimento da grande potência da região.

Ademais, o principal dilema do país parece ser seu regime político. Compreendemos que a legitimidade do PCV está em decadência, devido à recente aproximação com a China, à grande insatisfação em relação à Lei das Terras, e à corrupção. Para que seja possível a inserção do Vietnã como um pólo na região, é importante que haja uma série de reformas no sistema político do país, principalmente em relação ao campo que concentra a maioria da população, e é a base histórica de sustentação do Partido. Também, o atual sistema produz um engessamento das forças produtivas do país, devido à proeminência que dá às empresas estatais, geralmente ineficientes. Identificamos que há pelo menos uma ala do Partido aberta as reformas e à uma maior aproximação com a China e consequentemente com a ASEAN. Se as reformas requeridas serão efetivadas pelo PCV, ou se haverá algum processo de mudança de regime para que isso ocorra, é uma projeção possível, ainda em aberto.

Assim, é essencial observar alguns indicadores da conjuntura internacional para vislumbrar os cenários propostos. Para que o melhor cenário ocorra, seria necessário que haja alguma contrapartida à aliança com a China, o que aconteceria com a consolidação da ala centrista no poder. Já para o pior cenário, seria necessário que os protestos que estão ocorrendo, basicamente contra os acordos com a China, escalassem para outras questões e acabassem mobilizando a população rural, o que ilustraria a falta

de apoio da base do Partido. Ainda, o cenário intermediário oferece um rumo também plausível, onde as reformas requeridas não aconteceriam, e a elitização de economia por causa do TPP cederia influência política considerável para as grandes corporações.

Portanto, faz-se necessário acompanhar as questões da atual situação do Vietnã, para entender os desdobramentos no Sudeste Asiático, região de extrema importância no Sistema Internacional.

5.0 CONCLUSÃO

Ao longo do presente trabalho, procuramos analisar os aspectos relevantes que influenciaram, tanto positivamente, quanto negativamente; a decisão vietnamita de se inserir política e economicamente no âmbito regional. Dessa forma, discutiu-se, sob diferentes enfoques, a formação do Estado vietnamita, bem como a sua população e estrutura política. Recapitulando-se, sempre, o objetivo central do trabalho.

Num primeiro momento, apresentou-se um relato dos principais aspectos históricos, que determinaram os rumos do país até o momento das reformas estruturais representadas pelo Doi-Moi. Como vimos, as recorrentes invasões por parte de grandes potenciais internacionais, nas determinadas épocas, acarretaram numa caracterização do povo vietnamita como forte e resistente, mesmo que pequeno. Todavia, também fez o país direcionado ao conservadorismo.

Aspecto marcante até que as pujantes transformações no cenário mundial conduziram a conservadora elite do partido comunista do Vietnã a ponderar sobre medidas inovadoras que encaminhassem o país para o desenvolvimento sustentável e, mais importante, para o estancamento dos problemas sociais que eram a fonte maior de descontentamento por parte da população.

A análise do histórico apresentada demonstrou os motivos para esse país ainda hoje ser atrasado em termos de estrutura industrial e social e, ainda, nos esclareceu o porquê da grande dificuldade do Vietnã se inserir regional e internacionalmente. Afinal, um país que historicamente lutou para não ser subjugado a papéis periféricos tem desconfianças de sobra para justificar a resistência em abrir-se para o mundo.

No segundo capítulo, esmiuçamos as particularidades do Doi-Moi, que foi um marco histórico do país no que tange a inserção regional e mundial. Vimos que após alguns anos de adaptação, a economia vietnamita começou a crescer a níveis excelentes. No entanto, a entrada de capital estrangeiro no país acarretou em pressões internas para uma maior liberdade das empresas privadas, em especial joint ventures e multinacionais. As grandes cidades tiveram o problema da superpopulação agravados e o Estado já não tinha a capacidade de suprir as necessidades dos habitantes. Enquanto isso, no campo, as grandes empresas dissuadiam, por assim dizer, o governo a manter os preços dos produtos primários em níveis baixos, para poderem usufruir das vantagens comparativas no mercado internacional. Mesmo com o aumento do acesso da população

à oportunidades de trabalho e com os percentuais de pobreza do país apresentando queda, o aumento na disparidade de renda e qualidade de vida entre o meio rural e o urbano (mesmo efeito em relação às regiões mais pobres e as mais ricas), fizeram com que país tivesse seus problemas sociais agravados.

O intuito do governo vietnamita de criar uma sociedade igualitária e civilizada não foi completamente exitoso. De forma semelhante ao ocorrido no setor econômico-empresarial, forças externas e internas compilaram para a mudança de rumo dos planos governamentais. A concentração de renda e oportunidades de investimento recaíram sobre uma elite empresarial que ou é detentora dos meios de produção mais sofisticados ou tem laços próximos com os representantes do governo. Novas classes sociais (classe média pouco monetarizada e pequenas empresas familiares) foram adicionadas a estrutura já existente em decorrência da nova dinâmica de mercado. Gradualmente os parâmetros socialistas de governança vão sendo abandonados, não no que se refere ao macro da política do Vietnã, mas sim em relação à distribuição das melhorias e realocação de recursos.

No terceiro capítulo apresentamos três possíveis cenários de inserção regional do Vietnã baseados na atual conjuntura e situação nos âmbitos nacional, regional e internacional nos quais o país esta estabelecido. Segundo o quadro apresentado, a possibilidade de aproximação com a China seria o caminho mais benéfico no que tange a área econômica. Trazendo, possivelmente, o desenvolvimento de uma classe média urbana mais consumidora. O quadro intermediário de assinatura da TPP demonstrou que seria possível um maior desenvolvimento econômico, porém sob a condição de agravamento dos problemas sociais e da concentração de renda. Podendo, inclusive, conduzir para o cenário mais negativo que seria o de uma Primavera Vietnamita, na qual o camponês lutaria por reformas nas Leis de Terras e rejeitaria a influência chinesa no país.

De maneira geral, compreende-se através desse trabalho, as implicâncias recorrentes do processo de integração regional da República Socialista do Vietnã. Com o auxílio da metodologia apresentada, identifica-se que: (1) a sociedade vietnamita, representada pelo seu governo central, cresceu dentro de uma rede de interesses totalmente desfavoráveis a sua autonomia. Dessa forma, não é de espantar a resistência demonstrada por essa sociedade de expandir seus limites econômicos. O vietnamita se transformou por natureza num “desconfiado”, com quase certeza que a maioria dos interessados em sua parceria, na verdade, desejam a sua serviencia; (2) a abertura

comercial trouxe novos paradigmas para a sociedade vietnamita. As vantagens de se ter um crescimento econômico destacado são, ao mesmo tempo, causas de suas desvantagens. Ao passo que a pobreza geral da nação diminui, aumentasse as desigualdades sociais. Um povo que lutou incansavelmente por independência e venceu não se contentará apenas com migalhas. A partir do momento que se expõe um ser humano a padrões de vida mais dignos, ele passa a almejar outros objetivos. Nesse sentido, a população do Vietnã urge de reformas políticas mais profundas, não no sentido de abandonar os preceitos socialistas, mas exatamente de garantir uma sociedade igualitária; (3) a construção de cenários hipotéticos nos permite exercitar o conhecimento adquirido a respeito do país. Assim, trabalhar com variáveis e indicadores favorece a melhor compreensão daquilo que esta por vir. Em suma, pode-se dizer que esta ocorrendo atualmente no Vietnã um maior descolamento das bases socialistas que já tiveram início desde o Doi-Moi. Faz-se necessário, por isso, uma reflexão interna do governo, aos moldes de 1985, para estabelecer os rumos do país. Correndo o risco, em caso de demasiada demora, que a população novamente tome as rédeas da situação e mude por conta própria.

6.0. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BERESFORD, Melanie e MCFARLANA, Bruce. **Regional Inequahty and Regionalism in Vietnam and China.** Journai of Contemporary Asia, 1995:50-72.

BERESFORD, Melanie. **Doi Moi in Review: The Challenges of Building Market Socialism in Vietnam**. Journal of Comtemporary Asia, Vol. 38 No. 2. 2008

CLINTON, Hillary. **America's Pacific Century**. Foreign Policy. Novembro de 2011. Disponível em: http://atfp.co/13HB5p3.

CLODFELTER, Mark. **Vietnam in Military Statistics: A History of the Indochina Wars, 1772-1991**. Jeferson, NC: Mcfarland, 1995.

COMINT US **(**Communications Intelligence of United States). ***Prelude*: *Indochina Before 1950***. 1998

CORDESMAN, Anthony H. **US and Iranian Strategic Competition: Types and Levels of Competition. Center for Strategic and International Studies**. 19 de Outubro de 2011. Disponível em: http://bit.ly/13HJ4SM

GARCIA, Leandro. **ESTRATÉGIAS DE ACÇÃO: A GUERRA CLASSICA - GUERRA LIMITADA - A GUERRA SUBVERSIVA**. 1994.

GONÇALVES, Reinaldo. **Economia Política Internacional**. ELSEVIER (EDITORAS CAMPUS E NEGOCIO). 2005

GORDON, Bernard K. **The Third Indochina Conflict**. Foreign Affairs Articles, 1986. Disponível em: foreignaffairs.com/articles/41395/bernard-k-gordon/the-third-indochina-conflict

GSO (General Statistics Office). Vietnã, 2007. Disponível em:gso,gov.vn/default_en.aspx?tabid=491

GUNZINGER, Mark, DOUGHERTY, Chris. **Outside-In: Operating from range to defeat Iran's anti-access and area-denial threats**. CSBA, 2011:13.

HIEBERT, Murray**. RCEP, 2012. Disponível em:** csis.org/publication/asean-and-partners-launch-regional-comprehensive-economic-partnership

JANE'S. **Vietnam Country Profile.** 2009

JUNIO, Timothy J., MAHNKEN, Thomas G. **Conceiving of Future War: The Promise of Scenario Analusis for International Relations**. International Studies Review, 2013.

LE, Than Nghiep; LE, Huu Quy. **Measuring the Impact of Doi Moi on Vietnam's Gross Domestic Product**. Asian Economic Journal Vol. 14 No. 13. 2000

LLOYD, Dana Ohlmeyer. "**Apelo à nação diante do avanço do "imperialismo ianque" proferido por Ho Chi Mihn em 17 de julho de 1966"**. Livro: Ho Chi Mihn. Nova Cultural, Sao Paulo, 1987.

MASINA, Pietro. **Vietnam's Deveiopment Strategies**, Abingdon: Routledge, 2006.

NEEDHAM, Vicki. **China's interest grows in joining an Asia-Pacific trade deal.** 2013: http://thehill.com/blogs/on-the-money/trade/182620-chinas-interest-grows-in-joining-an-asia-pacific-trade-deal

NGUYEN, Khac Vien. **Vietnam: una larga historia.** Hanoi: The Gioi, 2010.

QUINNJUDGE, S., WESTAD, O**. The Third Indochina War: Conflict between China, Vietnam and Camboja, 1972-79**. Nova Iorque: Routledge, 2006

RAVALLION, Martin e DE WALLE, Dominique van. **Does Rising Landlessness Signal Success or Failure for Vietnam's Agrarian Transition?** Worid Bank Policy Research Working Paper, nº 3871, April, 2006:1-54.

RIZZO, Attílio, ALMEIDA, Eduardo, BARRETO, Otto. **Guerra do Vietnã**. UNIRIO. Rio de Janeiro, 2007

TPPINFO, **THE TRANS-PACIFIC PARTNERSHIP AGREEMENT YOUR GUIDE TO COPYRIGHT IN THE TPP.** 2013. Disponível em: http://tppinfo.org/

TAYLOR, K. W. A History of the Vietnamese. Cambridge University Press: 2013.

THE WORLD BANK. World Development Indicators. 2013

TUCKER, Spencer. Encyclopedia of the Vietnam War: A Political, Social, and **Military History**. 1998.

TURLEY, William e RACE, Jeffrey. **THE THIRD INDOCHINA WAR.** Foreign Policy, 1980.

UNDP (United Nations Development Programme). ***Regional Poverty Assessment: Mekong River Region,*** Hanoi: UNDP, 2004.

UNITED STATES OF AMERICA (USA). **Joint Operational Acess Concept (JOAC).** Washington, Departament of Defense: 17 de January 2013.

UNSD (United Nations Statistic Division). 2012. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/paisesat/main.php

USA, 2011. **The United States in the Trans-Pacific Partnership**. Disponível em: ustr.gov/about-us/press-office/fact-sheets/2011/november/united-states-trans-pacific-partnership

VISENTINI, Paulo Fagundes. **Revoluções e Regimes Marxistas: rupturas, experiências e impacto internacional**. Leitura XXI. Porto Alegre, 2013:205-244.

VUVING, Alexander L. **Vietnam's Search for Stability.** 2012. Disponível em: http://thediplomat.com/2012/10/vietnams-paradoxical-search-for-stability/

VWAM, 2013. **Vietnam History and Educational** Site. Disponível em: vwam.com/index.html

WADE, Robert. **The Asian Debt-and-development Crisis of 1997-?: Causes and Consequences.** Worid Deveiopment, 1998:1535-53.

WALTZ, Kenneth. **O Homem, o estado e a guerra: uma análise teórica**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

WINDROW, Martin. **The French Indochine War**. Osprey Publishing, 1998.